

## A "AD" ainda e sempre contra o povo

1. Reveste-se da maior gravidade o anúncio feito há dias pelo Secretário de Estado do Comércio da intenção do Governo Balsemão de "desmantelar" os organismos públicos que hoje asseguram em exclusivo a importação de certos produtos alimentares essenciais (cereais, peixe, açúcar, oleaginosas) e de transferir tais funções para o sector privado.

2. É absolutamente necessário que a opinião pública nacional tome aguda consciência do significado político e das desastrosas consequências de um tal projecto.

Com efeito, o desmantelamento daqueles organismos públicos e a consequente "liberalização" das importações de produtos alimentares essenciais constituiria uma medida altamente lesiva dos interesses nacionais, geradora de graves prejuízos para a economia do País, causadora de graves perturbações, carências e anomalias no abastecimento público, fonte de uma ainda maior anarquia e irracionalidade nos circuitos comerciais e nas actividades económicas em geral.

Uma tal orientação conduziria inevitavelmente ao agravamento da balança comercial, pela multiplicação e descoordenação da procura nacional nos mercados internacionais, levando ao aumento dos preços de tais produtos quer para os consumidores quer para os sectores produtivos que os utilizam, colocaria nas mãos dos grandes importadores e do grande capital consideráveis meios de pressão sobre a vida económica e sobre a política nacional, faria pairar sobre o abastecimento público a ameaça de graves roturas ao sabor das exigências, das pressões, das manobras especulativas e dos interesses políticos de sectores parasitários.

3. Este desastroso propósito do Governo AD/Balsemão não tem o mínimo fundamento legal, técnico ou económico. Não só porque a Constituição da República (art. 110.º) estabelece expressamente que compete ao Estado promover o controlo das operações de comércio externo, designadamente através da criação de empresas públicas, como por ser por demais evidente que só organismos públicos inspirados pelo interesse público estão em condições de programar e coordenar eficazmente e de adquirir a melhores preços nos mercados externos produtos alimentares essenciais que, além do mais, tem um elevado peso no conjunto das importações nacionais e dos quais dependem importantes sectores produtivos.

Neste domínio, como na política global da reacção, o que se toma absolutamente cristalino é que "AD" e o seu Governo sacrificam a espezinham os mais elementares interesses da economia nacional à gula insaciável das suas clientelas e ao propósito de lhes oferecer novas áreas e possibilidades para grandes e chorudos negócios, de carácter improdutivo e parasitário, de nenhum risco e de muitos e seguros lucros, tudo à custa do agravamento da situação económica e financeira do País e das condições de vida da população.

4. A população e o País já pagaram nos últimos anos um elevado preço pela política de direita de diversos governos orientada sistematicamente, no quadro da política de recuperação capitalista, para a redução da capacidade de intervenção dos organismos públicos de coordenação económica, para o aniquilamento das suas funções regularizadoras e moralizadoras dos circuitos comerciais e do abastecimento público, para a sua escandalosa utilização ao serviço de ilegítimos interesses de grandes intermediários, comerciantes e importadores.

## ÁLVARO CUNHAL NO COMÍCIO DO 60.º ANIVERSÁRIO

# O PCP PROSSEGUIRÁ O CAMINHO GLORIOSO INICIADO HÁ 60 ANOS

### Discurso de Álvaro Cunhal

• suplemento

### Reportagem do comício

• pág. 8

### Saudações ao PCP

• pág. 6

### Iniciativas em todo o País

• págs. 4 e 6



A Festa  
do «Avante!»  
de 1981  
realiza-se  
a 4, 5 e 6  
de Setembro  
no Alto  
da Ajuda!

Para a semana, pormenores!



Uma imagem bem viva do comício comemorativo do 60.º aniversário do PCP realizado no Campo Pequeno no passado sábado: camaradas da direcção do Partido que presidiram à sessão, a majestosa moldura dos milhares e milhares de participantes, o fraternal e confiante abraço de todo o nosso grande colectivo

# SEMANA Nacional

## 4 Quarta-feira

Carlos Beaumont, gestor da Companhia Nacional de Petroquímica, afirma num simpósio sobre a «Indústria Química Anos 80», realizado em Lisboa, que a economia portuguesa terá que crescer entre 6 a 11% ao ano para que Portugal possa recuperar, em prazo inferior a 20 anos, o atraso que o separa da CEE, sublinhando que o desenvolvimento da economia só é possível se baseado em produções que remunerem melhor o factor trabalho. ■ Numa «operação» sem precedentes, uma força da GNR com cerca de 100 homens, a cavalo e acompanhada de cães, carregou todo o gado da UCP «Liberdade de Seda», em Alter do Chão, num total de mais de 1500 cabeças de gado, para os camilhões dos serviços do MAP em Évora; não foi dada qualquer explicação oficial para este acto. ■ Morre com 73 anos de idade o secretário-geral da Maçonaria Portuguesa, Abel Machado Macedo. ■ É noticiado na imprensa que o acordo de pescas assinado na passada segunda-feira, em Lisboa, pelo secretário de Estado das Pescas português e o subsecretário de Estado das Pescas espanhol concederá ao país vizinho mais 17 licenças para arrastões do que as previstas na proposta inicialmente apresentada por Portugal, tendo com isto o Governo AD cedido a parte das exigências expressas pela UCD espanhola ao longo das negociações. ■ Com uma sessão pública no teatro Vasco Santana a Associação de Amizade Portugal-Cuba assinala a passagem do 22.º aniversário da Revolução Cubana.

## 5 Quinta-feira

O presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas empossa o general Melo Egídio no cargo de Chefe de Estado-Maior General das Forças Armadas. ■ Com cerca de 20 000 agentes a distribuir questionários por todo o País, começa o 12.º recenseamento geral da população portuguesa e o segundo da habitação. ■ A União dos Sindicatos de Lisboa (USL) anuncia o seu apoio à manifestação dos trabalhadores da Banca e Seguros marcada para o próximo dia 13 entre o Rossio e a Praça do Município, em Lisboa, assinalando o 6.º aniversário da nacionalização destes sectores. ■ No momento da entrega da sua moção à Comissão Organizadora do Congresso, Mário Soares realça que «não continuará como secretário-geral» se a sua moção for rejeitada pelo Congresso do seu Partido.

## 6 Sexta-feira

Calvo Sotelo, o novo primeiro-ministro espanhol, afirma em conferência de imprensa, dada em Madrid, que o seu governo não tem ainda qualquer informação sobre a presença de ex-militares portugueses na zona de Badajoz na noite do fracasso do golpe fascista, considerando todavia que qualquer informação sobre eventuais apoios aos golpistas seria transmitida ao instrutor especial do processo, actualmente em segredo de Justiça. ■ A «Juventude Centrista» desentende-se em Tróia quando pretendia realizar o seu «4.º Congresso»; alegadas irregularidades na convocação dos delegados leva à recusa de elementos de uma das listas (B) em abrir o dito Congresso, recusa que foi seguida de retirada da sala, os que ficaram abriram os trabalhos enquanto os ausentes falavam de «Congresso-selvagem»; entretanto os dirigentes máximos do CDS não se fizeram representar no buliçoso conclavo dos seus «juvenis»; decidindo a instauração de um inquérito. ■ Após uma «cimeira», a coligação reaccionária da «AD» informa em comunicado que os três parceiros «chegaram a acordo quanto aos pontos fundamentais da revisão constitucional».

## 7 Sábado

Realiza-se no Campo Pequeno em Lisboa um grande Comício comemorativo do 60.º aniversário do PCP onde usou a palavra o secretário-geral, Álvaro Cunhal. ■ Os sindicatos representativos dos trabalhadores da TAP, excepto o sindicato parafuso dos técnicos de manutenção (SITEMA), concluem com a administração um novo acordo colectivo de trabalho; entretanto os técnicos de manutenção filiados no «amarelo» SITEMA prosseguem a greve iniciada há duas semanas e decretada sem o apoio de nenhum outro sindicato da empresa. ■ Realiza-se mais uma edição do «Festival da Canção» da RTP, que contou com a participação de doze concorrentes. ■ A Comissão Nacional do PS, reunida em Lisboa, não chega a pronunciar-se sobre a revisão constitucional nem sobre a orientação financeira do partido, por ter ficado sem «quorum» perto das 22 horas; existem, em relação a estes dois pontos, divergências entre a maioria do Secretariado Nacional e o secretário-geral do PS, Mário Soares.

## 8 Domingo

Mulheres portuguesas promovem realizações vãs em todo o País a propósito do Dia Internacional da Mulher; o Movimento Democrático das Mulheres (MDM) e o Departamento de Mulheres da União dos Sindicatos de Lisboa (USL) assinalaram a efeméride com uma sessão pública no Teatro Aberto, em Lisboa. ■ Termina em Tróia o conclavo dos «juvenis» do CDS, sem que se tenha chegado a saber se aquilo foi ou não «um Congresso» (o 4.º, como estava previsto); os que ficaram (lista A) dizem que sim, os que se retiraram (lista B) afirmam que não; de concreto apenas as mútuas acusações de vigarismo e ilegitimidade e o distanciamento das cúpulas deste partido de direita em relação às fogueiras pouco «social» e nada «democráticas» dos seus jovens correligionários; segue inquérito interno, já ordenado ao que consta.

## 9 Segunda-feira

O Secretariado da CGTP-IN declara que «o direito à greve defende-se com o seu exercício de forma correcta e responsável», comentando assim as ameaças veladas por diversos membros do Governo e do patronato em geral contra aquele direito fundamental dos trabalhadores. ■ Os trabalhadores de limpeza da Câmara Municipal de Lisboa entram em greve como forma de protesto contra a anunciada criação de uma empresa pública para recolha e tratamento do lixo; a referida reestruturação dos serviços sanitários municipais é considerada ilegal pelos trabalhadores e marginalizadora das actuais hierarquias da Direcção de Serviços de Saúde e Transportes (DSST).

## 10 Terça-feira

Do aeroporto da Portela descola uma avião carregado com material de guerra com destino ao Peru. Contudo, a embarcada deste país desmente tal fornecimento. ■ Primeiro dia de greve dos trabalhadores da recolha de lixo de Lisboa, que regista uma adesão de 100 por cento. Mais de 800 toneladas acumulam-se nas ruas. ■ O MAP continua a reter o gado roubado à UCP «Liberdade de Seda». ■ Representantes do Secretariado da CGTP-IN são recebidos pelo ministro do Trabalho. No final, um porta-voz sindical salienta que o Governo continua a não dar garantias da não aplicação do tecto salarial de 16 por cento. ■ Pinto Balsemão declara que eventuais atrasos na adesão de Portugal à CEE não são da responsabilidade da parte portuguesa. ■ Uma dependência bancária em Tróia é assaltada. Um dos assaltantes envergava farda da PSP.

### EFEMÉRIDE DA SEMANA

A 4 de Março de 1777 a rainha D. Maria I demite o Marquês de Pombal de todos os seus cargos, manda instaurar-lhe um processo e desterra-o; era a vingança da classe possidente da época, fortemente abalada pela política de «despotismo iluminado» inflexivelmente executada pelo Marquês e que pusera em causa as suas prerrogativas e influência política; o outrora poderoso Marquês terminaria os seus dias na vila de Pombal.

## Editorial

# A LENDA E A REALIDADE NA SITUAÇÃO POLÍTICA ACTUAL

O Homem encontrou sempre formas não eruditas de transmitir de geração em geração o seu «saber de experiências feitas».

O provérbio, a fábula, a lenda condensam por vezes de maneira directa e simples a rica sabedoria popular acumulada e colhida da vida através dos séculos.

A saborosa lenda do aprendiz de feiticeiro que desencadeou forças que não foi capaz de controlar, motivo de inspiração de notáveis criações da arte, da literatura, da música, encerra uma profunda lição de vida para os profissionais da insensatez qualquer que seja a época e o seu terreno específico de acção.

No terreno da política assume então por vezes formas das mais surpreendentes.

Esta breve incursão nos domínios da lenda tem origem no exame da situação político-partidária que se vive no País sob os efeitos de uma crise generalizada que afecta rudemente o Povo português e constitui uma séria ameaça às suas conquistas democráticas.

Os chefes de fila da reacção, como o aprendiz de feiticeiro da lenda, desencadearam todo um processo conducente ao triunfo dos seus planos subversivos contra o regime democrático.

Ebrios de poder não tiveram em conta que os seus objectivos se chocavam frontalmente com as realidades políticas, económicas e sociais do Portugal de Abril e foram derrotados.

O panorama político-partidário actual — de que se exclui o PCP que é o Partido da classe operária e a maior força política organizada da democracia portuguesa — caracteriza-se por uma grande instabilidade interna quer ao nível das coligações quer ao nível dos partidos; reflecte profundamente a estrondosa derrota da reacção em 7 de Dezembro e tem por causa imediata e directa a derrocada dos projectos subversivos que tinham assinatura de Sá Carneiro.

O plano subversivo da reacção assentava, como se sabe, na hegemonização do poder político que deveria completar-se com a eleição de um Presidente da República que se prestasse ao jogo e eventualmente dirigisse o golpe institucional.

A última batalha eleitoral de 1980 para a Presidência da República que deveria materializar as desmedidas ambições e os sonhos irrealistas de poder dos chefes de fila da reacção, saiu-lhe pela derrota.

A causa disso reside no facto de os aprendizes de feiticeiro da «AD» terem querido fazer triunfar o seu derrotado plano contra a vontade da imensa maioria do Povo português, terem tentado impo-lo ao invés do sentido profundo das transformações democráticas saídas da Revolução de Abril e terem jogado tudo por todo num projecto que encontrou pela frente forças populares e democráticas suficientes para lhe imporem a derrota.

Nos últimos meses assistimos ao fim do princípio e ao princípio do fim do consulado da «AD».

Se os resultados das eleições de 5 de Outubro haviam assinalado o máximo inchaço da «AD» nas suas desmedidas ambições políticas, a retumbante derrota de 7 de Dezembro marcou por sua vez o começo do declínio irreversível da Aliança reaccionária como força dirigente da máquina do Estado nos domínios do Executivo (Governo) e do Legislativo (Parlamento).

São os estragos irreparáveis da derrota de Dezembro

que transformaram a «AD» no saco de gatos que hoje se contorce sob os olhos do Povo português.

A derrota acendeu novos focos de tensão interna no seio das forças reaccionárias e nos arraiais do oportunismo de capa democrática, criou linhas de fractura que não passam pelos limites dos partidos e polarizam forças políticas e sociais em posições e sobre fronteiras inesperadas.

As manifestações desta nova situação sucedem-se e tendem a agravar-se.

O Congresso do PSD, arena de combate entre «pombas» e «falcões», arrumou-se com a vitória precária do clã Balsemão sobre o clã Eurico de Melo/Cavaco e Silva e num compromisso de «cavalheiros» que assenta na realização do projecto derrotado de Sá Carneiro nas novas condições — uma espécie de crosta sobre o pus a estalar na primeira curva do percurso.

Como foi dito pelo CC do PCP, o Governo Balsemão, que recolheu o apoio reticente das facções adversas no Congresso, representa simultaneamente um compromisso e uma ameaça que a prática política posterior confirma.

O Congresso do CDS entrevistou-se com o chefiado de escolhos. Teve já como prelúdio o Congresso «não-Congresso» da JCA que a facção derrotada apodera-se de «Congresso selvagem» e à direcção dele saída de «direcção pirata».

A cisão na CAP, cujo secretário-geral, Casqueiro, ameaça abandonar a bancada parlamentar do CDS, reflecte provavelmente outros sintomas de «pirataria» oriundos dos círculos de influência política do partido de Freitas do Amaral, agora alçado a presidente da UCDE.

Certos pontos quentes do projecto «AD» — que Balsemão insere desde já numa perspectiva de adiamento para 1985 — provocam um evidente mal-estar nas fileiras da «AD». Neles avultam a continuação da guerrilha institucional contra o Presidente da República e o Conselho da Revolução assim como a definição de competências na nomeação dos altos comandos das Forças Armadas, cuja partidarização os dirigentes da Aliança reaccionária querem instrumentalizar a favor do seu projecto subversivo.

No domínio da revisão constitucional, o organismo coordenador da «AD» tenta uma difícil unidade de vistas precisamente sobre os poderes do Presidente da República, do Governo, da Assembleia da República. Para eles o CR já não existe, não é um órgão «democraticamente eleito», não é um «interlocutor» para a coligação governante.

A exigência formal de dois terços de votos de deputados é um osso atravessado na garganta das forças reaccionárias. As pressões sobre o PS — sem o qual a direita não terá os dois terços para impor a «sua» revisão constitucional — assumem a forma mais descarada.

Um escriba da «AD» diz mesmo que «o PS assumirá grandes responsabilidades se não chegar a acordo com a «AD» para a revisão constitucional».

«AD» até está pronta a fazer abdicções para o diálogo com o PS... mas «não pode em circunstância alguma abdicar de posições que são pontos de honra que resultam de compromissos com o eleitorado».

Quer dizer, o PS é «intimidado» a cumprir os compromissos da «AD» com o seu eleitorado... o que tem a sua piada.

## Assembleia da República

# Programa «AD» é fugir às responsabilidades

Apesar de não se ter cumprido a agenda prevista para este mês. Razões, algumas óbvias, outras menos óbvias, levaram a que não fosse sequer iniciada esta semana a discussão do Projecto de Lei 141/II, apresentado pelo PCP, sobre os Conselhos de Redacção. Ao fim do dia de terça-feira passada sobemos que a conferência dos presidentes dos grupos parlamentares adiara, a pedido do Governo, a discussão do Orçamento e do Plano, que fica agora marcada para uma semana depois da data anteriormente prevista.

Entretanto as declarações políticas do período de antes da Ordem do Dia, apreção de votos, o projecto sobre o reforço das condições de independência da actividade dos jornalistas (da ASDI), a ratificação do Decreto-Lei que reestrutura a Comissão Regional do Turismo do Algarve (pedida pelo PS), e a discussão sobre o pedido de inquérito (ASDI) sobre a famigerada questão da Feira de Belém ocuparam três dias de trabalho parlamentar.

Seria escusado dizer que todas as iniciativas da oposição foram rejeitadas pela maioria «AD». Que parece não existir para outra coisa que dizer «não» à oposição e «sim» ao Governo.

Outras críticas, que não apenas esta de torcer pelo Governo foram dirigidas à «AD» e à sua actuação. Silva Graça, na passada quinta-feira, denunciou a «krusificação» do País no

sector da habitação, em declaração política que produziu, na qual, depois de recordar a intenção do Governo de serem produzidos 50 mil fogos por ano, face às carências (800 mil fogos a menos), afirmara:

«Apontar para um objectivo de 50 mil fogos/ano, significa degradar ainda mais a situação. E o Governo propõe-se fazê-lo à custa essencialmente da iniciativa privada, já que destas 50 mil, reserva como quota para o sector público o número ridículo de 10 mil fogos. Só em 1975 o mesmo sector produziu 21.183 e no ano seguinte 14.738 novos fogos. Também no sector da habitação se poderá dizer com propriedade e parafresando um camarada meu: «o Governo «AD»/Balsemão «avança» retrocedendo, aos arrecuos».

No mesmo dia, Custódio Gingão, também do PCP, falando a propósito das culturas

de Primavera e do recente Encontro sobre esse tema, faria um balanço dos ataques da direita à Reforma Agrária, ao mesmo tempo que criticava o Governo pelo aproveitamento que tem feito das dificuldades impostas pela seca para apagar a sua incompetência e falta de vontade política para avançar medidas que protejam a agricultura.

Também a deputada comunista Zita Seabra interveio nessa sessão falando sobre a situação escandalosa em que se encontra o Conservatório Nacional, ameaçado de fecho, anunciando que o PCP iria propor à Comissão de Cultura da AR uma deslocação àquele estabelecimento de ensino, para ouvir professores e alunos, visitar as instalações e verificar as carências e procurar encontrar uma solução.

A independência dos jornalistas continuaria a ser considerada palavra vã. Com efeito, no seguimento dos trabalhos, o projecto ASDI visava o reforçar da independência, seria rejeitado, contra os votos de toda a oposição. Pelos comunistas falou Jorge de Lemos, que sublinhou:

«Para a «AD» o jornalista é encarado como mera peça do canal de comando governamental que parte do Governo, passa pelas

administrações e direcções e acaba frente às câmaras de televisão ou frente aos microfones da rádio. Para a «AD» é fundamental o abastardamento da profissão jornalística, a transformação dos profissionais em peças desqualificadas de uma máquina, admitidas para fins específicos ao serviço do Governo e dos seus objectivos».

A manhã de sexta-feira veio o escândalo: um voto de protesto da FRS sobre a condenação do sindicalista brasileiro Lula, seria rejeitado pela direita, que não encontrou entretanto argumentos convincentes para se desculpou de tal atitude. O PPD teve necessidade mesmo de propor outro voto sobre o tema, e o CDS de pedir meia hora de intervalo. Na Ordem do Dia estava agendada a discussão e votação da ratificação do diploma que reestruturou a CRT do Algarve, a que fazemos referência nesta página.

O Dia Internacional da Mulher seria evocado na passada terça-feira. Todos os partidos — menos a UDP que já falara sobre o assunto na sexta — produziram declarações, alguns deles não fugindo à questão, outros gastando as palavras «democráticas» em discurso de

hipocrisia subjacente, como foi o caso de Marília Raimundo, do PSD e de Isilda Barata, do CDS.

As intervenções de Helena Cidade Moura, do MDP, de Teresa Ambrósio, do PS, de Teresa Santa Clara Gomes, UEDS, e de Josefina Andrade, do PCP (que sublinhou ser verdade que os direitos tão duramente conquistados nem sempre serem respeitados na prática, agravando-se a falta de cumprimento dos mesmos por parte dos patrões nas empresas, dos agrários nos

campos e até do próprio MAP na zona da Reforma Agrária), colocaram a questão dentro das suas dimensões próprias e justas.

Depois foi de novo a Feira de Belém, o inquérito pedido pela ASDI sobre a questão que tanta tinta tem feito correr. A direita admitiu, pela boca do CDS, que Belém estava transformado numa «barraca». Mas foi dando a entender que a preferência, a ver um inquérito devassar as responsabilidades «AD»...



Os deputados Carlos Espadinha e António Mota conversando com pescadores de Castelo de Neiva

## Deputados do PCP contactam populações

Uma delegação que integrou os deputados comunistas António Mota, Ilda Figueiredo, José Ernesto Oliveira e Carlos Espadinha, visitou, no passado dia 21 de Fevereiro, o concelho de Viana do Castelo, a fim de tomar contacto directo com alguns dos problemas que afectam as suas populações.

A visita integrou-se no programa de contactos com as populações que o Grupo Parlamentar do PCP tem em execução e, entre outras actividades, os deputados comunistas tiveram encontros com habitantes de bairros degradados — dos Cabeços e do Lamoso —, visitaram as obras do porto de mar e a Citânia. Na foto podem ver-se os deputados Carlos

Espadinha e António Mota conversando com pescadores de Castelo de Neiva.

### No concelho de Baião

Com o objectivo de conhecer melhor as realidades e problemas do concelho de Baião, no sentido de os levar à Assembleia da República, deputados do PCP visitarão o concelho no próximo sábado, com o seguinte programa: 10 h — visita ao Hospital e Posto dos Serviços Médico-Sociais da vila; 11 h — visita à Escola Preparatória de Ovil; 15 h — visita ao Posto dos SMS de Santa Marinha do Zêzere.

Os deputados procurarão igualmente auscultar os problemas e reclamações dos agricultores.

*Avante!* Publicações de todos os países: UNI-VOS!

**DIRECÇÃO E REDACÇÃO:** Rua Soares Pereira Gomes - 1699 Lisboa-CODEX. Tel. 769725/769722.

**DISTRIBUIÇÃO:** **CGL Central Distribuidora Litoral, SARL** Serviços Centrais, Av. Santos Dumont, 57-2º Dt. - 1000 Lisboa. Tel. 779828/779825. **Centro Distribuidor do Centro:** Rua 1º de Maio 186, Pezourla - 3000 Coimbra. Tel. 31286. **Centro Distribuidor do Alentejo:** Alarcova de Baixo, 13 - 7000 Évora. Tel. 26361. **Centro Distribuidor do Alentejo:** R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora. Tel. 900044. **ASSINATURAS:** Av. Santos Dumont, 57-2º Esq. - 1000 Lisboa. Tel. 779826.

**PUBLICIDADE CENTRAL:** Av. Santos Dumont, 63-A - 1000 Lisboa. Tel. 776336/776350. **Perla** - Rua do Almada, 18-2º Esq. - 4000 Porto. Tel. 381067. **EXPEDIÇÃO:** R. João de Deus, 24 - Venda Nova - 2700 Amadora. **Composto e Impressão na Heeka Portuguesa R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora.**

**Tragem média no mês de Fevereiro: 66 800**

Nacional

# Amanhã, uma manifestação Defender a banca nacionalizada é defender (também) a democracia

Iniciam-se amanhã as comemorações do sexto aniversário da nacionalização da banca e dos seguros em Portugal. Entre as várias iniciativas previstas no programa, destaca-se a manifestação com início marcado para as 19 e 30 nos Restaurantes e que deverá percorrer o trajecto que leva à Praça do Município, em Lisboa. Como o «Avante!» referiu na semana passada, ao alertar para a importância e o alcance das comemorações, existe para o efeito uma comissão de activistas sindicais e membros de comissões de trabalhadores que elaboraram um documento de análise sobre a actividade da banca onde sobressai, com dados novos, o apoio de gestores «AD» da banca nacionalizada ao regime fascista que domina o Chile.

O documento distribuído em conferência de imprensa chama principalmente a atenção para o comportamento escandaloso da gestão «AD» e para os riscos gravíssimos que faz correr às nacionalizações.

Depois de recordar (e bem necessário é) que os gestores «são recrutados nos meios mais reaccionários» e que a doutrina

fascista reconhecia na «iniciativa privada o mais fecundo instrumento do progresso e da economia da Nação» (como vem no art.º 4.º do famigerado Estatuto de Trabalho Nacional) a documento do comissão refere que:

A manutenção de uma óptica de maximização do lucro de cada instituição de

crédito e não de optimização dos recursos disponíveis no sistema bancário leva a que cada conselho de gestão, refugiando-se numa pretensa autonomia, utilize, para a captação de poupanças ou para a concessão de financiamentos, critérios de natureza capitalista em detrimento de critérios económico-sociais.

Por outro lado — acrescenta o documento — a polivalência de cada banco dificulta o controlo de gestão e permite que os órgãos gestores cometam maiores arbitrariedades, dada a dificuldade de controlo por parte das estruturas dos trabalhadores e do próprio Banco de Portugal. Este, com a sua acção passiva, tendo sido um autêntico travão à reestruturação, quando lhe compete um papel altamente dinamizador e motor da mesma.

### Espírito Santo com a conviência «AD»

Entre grupos financeiros e personalidades ligados aos monopólios fascistas o documento da comissão organizadora das comemorações cita o grupo Espírito Santo. Infiltrado através dos gestores «AD» na banca nacionalizada, esse grupo reconstituído no estrangeiro depois do 25 de Abril «actua em cheio» dentro da banca. Enquanto em Miami, nos Estados Unidos da América, «capta as remessas dos emigrantes quer dos EUA, quer da América Latina», em Portugal sob a forma de oferta de serviços e de veladas ofertas de financiamento, o grupo Espírito Santo, com a conviência dos gestores «AD» na banca, aponta os tentáculos para a recuperação dos seus antigos privilégios.

Para essa actividade

escandalosa basta-lhe um escritório em Lisboa sob a capa de «Estudos e Serviços» e as relações «de carácter sigiloso» que mantém com os gestores «AD».

### Condenação e repúdio no Totta & Açores

«Todo e qualquer empréstimo à banca de Pinchet, suporte explorador e repressor do heróico povo do Chile, jamais encontrará razões técnicas justificativas ou razões de especulação financeira admissíveis» — afirma por seu turno a célula do PCP no Totta & Açores (BTA). Acrescentando que «as únicas razões» para o envolvimento do Banco «em tais operações» pela mão dos gestores «AD», são de «natureza política», a célula considera esse «acto indigno do Portugal de Abril». Manifestando o seu mais vivo repúdio pelo envolvimento do BTA nessa «operação de solidariedade», os trabalhadores



Muito oportuna é a palavra de ordem que os trabalhadores empunham, neste período que atravessamos na luta pela defesa das realizações de Abril

comunistas do BTA, que se dirigem aos seus companheiros de trabalho e profissão, solidarizam-se com o povo chileno e denunciam publicamente o comportamento inqualificável dos gestores «AD» da banca nacionalizada.

### Posição do Sindicato

Quanto à posição dos actuais corpos gerentes do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas perante os riscos que se acumulam, a comissão organizadora das comemorações, depois de referir que «os factos respondem por si», cita documentos aprovados no I Congresso daquela associação sindical, em fins de Novembro de 1979, e que deveriam estar em vigor. Efectivamente estão em vigor, mas para fazer vingar a sua política, contrária à nacionalização da banca, o Governo e os seus conselhos

de gestão abusam da submissão partidária das direcções dos sindicatos bancários que, como se sabe, figuram entre os primeiros na UGT.

No entanto, segundo o seu órgão máximo — o Congresso, ao qual a direcção deve obedecer, o Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas (SBSI) defende a banca nacionalizada. E, ainda segundo o Congresso: «O SBSI luta por todos os meios contra quaisquer tentativas da sua reprivatização, contra a criação de novos bancos privados e contra a criação de, ou, desenvolvimento de quaisquer outros tipos de instituições a coberto das quais os empresários privados possam na prática vir a exercer a actividade bancária em qualquer parcela do território nacional. Com igual objectivo defende igualmente o reforço

e modernização das instituições nacionalizadas, por forma a que estas possam desempenhar cabalmente a função que lhe compete no desenvolvimento e progresso do povo português.

É no essencial para cumprir o que atrás fica dito e foi aprovado que este ano se comemora mais um aniversário da nacionalização da banca e dos seguros.

Para que a prática corresponda ao que os trabalhadores aprovam e pelo qual continuam a lutar é preciso que deixem de existir direcções sindicais enfiadas a interesses partidários coligados no Governo. É preciso inclusivamente demitir esse Governo e substituí-lo por um governo democrático com uma política democrática onde caibam inteiras as grandes conquistas do povo português.

## Por quanto tempo?

# Casqueiro continua dirigente da CAP

Casqueiro continua na CAP, como secretário-geral, após uma assembleia realizada no Porto, no último fim-de-semana.

A lista única, liderada por Casqueiro, obteve 43 votos, contra dois e uma abstenção. Abandonaram a sala os delegados que «contestam» Casqueiro, ou seja, os delegados de Alcácer do Sal, Elvas, Évora, Rio Maior, Sousel, Estremoz e Miranda.

Como antevia o semanário do primeiro-ministro Balsemão — «Expresso» — de sábado passado, José Manuel Casqueiro será, muito provavelmente, o vencedor a curto prazo da crise aberta o mês passado no seio da CAP, com a realização hoje no Porto das eleições para os corpos gerentes da organização.

O mesmo artigo do «Expresso» era explícito sobre as movimentações que desde essa altura foram feitas, nomeadamente por Casqueiro, para defender posições.

Assim, diz-se mais adiante: «José M. Queiroga e Casqueiro iniciaram de facto o que se pode considerar de uma autêntica campanha eleitoral contra as associações contestatárias».

Simultaneamente, o secretário-geral da CAP é recebido pelo primeiro-ministro, Pinto Balsemão, que, mais uma vez, lhe garante o seu apoio. Mais difícil foi o encontro com Freitas do Amaral, o qual acabou também por conceder um apoio, ainda que bastante mais discreto do que o do primeiro-ministro.

No entanto, Casqueiro conseguiu garantir o «agrément» do líder do CDS, ao mesmo tempo que este se compromete a fazer recuar o sector agrícola do CDS, quanto à eventual formação de uma nova associação de agricultores.

**CDS contra Casqueiro**  
No entanto, este apoio de Freitas do Amaral parece não ter muita consistência, ou então a promessa de apoio foi feita com «figas» atrás das costas. Deste modo, o «Expresso» que nestas coisas de Governo e da «AD» costuma estar bem informado, acrescenta:

Observadores políticos notam, contudo, que a cisão iminente na CAP poderá significar já uma tentativa de alguns agricultores do Alentejo apoiarem a nova organização. Isto, apesar de os representantes destas associações afirmarem que, de

tem afirmado, repetidas vezes, que é intenção do deputado Carvalho Cardoso constituir uma estrutura paralela à CAP, com vista a marginalizar a médio prazo esta organização. Sete se concretizar Casqueiro deverá provavelmente afastar-se do grupo parlamentar do CDS, aproximando-se inevitavelmente dos sociais-democratas.

### Garin ao ataque

Entretanto, as associações contestatárias não parecem estar conformadas com a reeleição de Casqueiro, nem tão pouco ficaram inactivas até agora.

Na sua campanha anti-Casqueiro utilizaram largamente os diários «O Dia» e «A Tarde» como porta-vozes das suas posições.

Perante o facto que se ia consumar, no Porto, abandonaram a reunião e prometeram para hoje declarações bombásticas. Já na altura da assembleia denunciavam ter-se comprometido a CAP em apoios partidários e obras políticas pessoais, que ainda hoje não estão cabalmente esclarecidas.

Se não se verificou, entretanto, uma solução de compromisso entre as partes em confronto haverá hoje lavar de roupa suja na organização dos grandes agricultores.

No entanto, já no matutino «O Dia» de sábado último o latifundiário plúmivo João Garin lançava achas para a fogueira fazendo o jogo das organizações contestatárias e afirmando-se a Casqueiro e seus apauzados.

Intitula-se o artigo de página espeznhada por Garin: «Todos montam na azémola da Democracia... / Com a conviência da CAP/Casqueiro o MAP espartejou herdado em Coruche».

Começando por atudir a alimárias e em quem nelas se encarrapita, Garin passa a falar de Casqueiro referindo que segundo conseguiu apurar este já não conta com qualquer apoio significativo. E especifica:

A norte da linha demarcada por Rio Maior nada representa para os agricultores uma vez que se desinteressou em absoluto dos graves problemas da lavoura, nomeadamente, da questão da actualização dos preços ao produtor, no Alentejo, a maioria das Associações representativas recusam-no porque ele ratifica, por imperativo político-partidário e com total má-fé, a alucinante distribuição dos excedentes das reservas por gente que jamais esteve ligada à agricultura e, até certo ponto, acoberta o compadrio, a corrupção e os incompreensíveis malabarismos dos pretendidos anticomunistas de um MAP a jogar em pleno na «détente», até mesmo com a legalização das Unidades Colectivas de Produção ou seja a legalização do roubo.

No final do artigo, após algumas dezenas de adjectivos, Garin refere alguns casos de compadrio de que referimos um: «... para o cunhado do presidente da Associação de Coruche, o eng.º Araújo, sólido suporte de José Manuel Casqueiro, ainda se arranjaram caixas vazias».

Acrescenta Garin que a este preço foram acrescidos 10 hectares na herdade do Monte da Barca onde o contemplado já

construiu uma instalação para gado.

### O diabo que escolheu

Como se vê, zangam-se as comadres e descobrem-se as verdades que, aliás, já tinham sido denunciadas, na altura, pelos trabalhadores agrícolas.

Depois disto poderá o leitor desprevenido interrogar-se: Mas então o Casqueiro e os seus apauzados são melhores do que os outros?

Nada disso! Entre uns e outros venha o diabo e escolha. As associações contestatárias querem pura e simplesmente a reinstalação do latifúndio, e por isso lutam com todas as forças. Casqueiro, mais melífluo, não lhe desagrada esta ideia, mas acha que deve ir aos poucos, para além de que os seus apauzados devem também saborear alguns lucros. Quanto à isso de distribuir pequenos talhões de terra por agricultores pobres e pequenos seareiros é manobra de ocasião e com resultados em época de eleições. Depois, como se tem estado a ver, vem o MAP e entrega novamente a terra aos latifundiários.

Como dizia o «Expresso», Casqueiro é o vencedor a curto prazo. Mas não tenhamos ilusões, por mais duro que seja o caminho, a vitória definitiva há-de cair, madura, nas mãos dos trabalhadores da Reforma Agrária, sejam operários agrícolas, ou sejam pequenos e médios agricultores.

construiu uma instalação para gado.

### O diabo que escolheu

Como se vê, zangam-se as comadres e descobrem-se as verdades que, aliás, já tinham sido denunciadas, na altura, pelos trabalhadores agrícolas.

Depois disto poderá o leitor desprevenido interrogar-se: Mas então o Casqueiro e os seus apauzados são melhores do que os outros?

Nada disso! Entre uns e outros venha o diabo e escolha. As associações contestatárias querem pura e simplesmente a reinstalação do latifúndio, e por isso lutam com todas as forças. Casqueiro, mais melífluo, não lhe desagrada esta ideia, mas acha que deve ir aos poucos, para além de que os seus apauzados devem também saborear alguns lucros. Quanto à isso de distribuir pequenos talhões de terra por agricultores pobres e pequenos seareiros é manobra de ocasião e com resultados em época de eleições. Depois, como se tem estado a ver, vem o MAP e entrega novamente a terra aos latifundiários.

Como dizia o «Expresso», Casqueiro é o vencedor a curto prazo. Mas não tenhamos ilusões, por mais duro que seja o caminho, a vitória definitiva há-de cair, madura, nas mãos dos trabalhadores da Reforma Agrária, sejam operários agrícolas, ou sejam pequenos e médios agricultores.

## MDM e Sindicatos comemoraram o 8 de Março

Como em todo o mundo, também em Portugal se comemorou, em 8 de Março, o Dia Internacional da Mulher, não apenas relebrando os acontecimentos longínquos de 1857, em Nova Iorque, mas sobretudo reflectindo sobre os problemas e as realidades novas que se vivem hoje no nosso País.

Particularmente sob a égide do Movimento Democrático de Mulheres muitas iniciativas se desenvolveram no passado Domingo. Em Lisboa, uma sessão promovida pelo MDM e pelos Departamentos de Mulheres das União dos Sindicatos, foi focada a situação das mulheres trabalhadoras, as primeiras a serem despedidas e discriminadas no trabalho.

No Porto, as comemorações contaram com uma romagem ao cemitério do Prado do Repouso, onde, junto às campas de Irene Castro, Heruiana Carvalho e Amélia Brandão, um numeroso grupo de mulheres ouviu a evocação pronunciada por Virginia Moura. Houve ainda um almoço de confraternização num restaurante da cidade e, à tarde, distribuição de documentos e venda de cravos na ruas da Baixa.

Em Valongo, S. Pedro da Cova (cerca de 300 mulheres presentes), Matosinhos e Santo Tirso efectuaram-se igualmente sessões, essencialmente viradas para os problemas concretos das mulheres.

Em Faro, no Teatro Lethes, Ana Rosa Pardo, do executivo Nacional do MDM, lembrou o nome de Maria Lamas, presidente do antigo Conselho Nacional de Mulheres. Houve ainda manifestações culturais variadas.

Também em Olhão (grande participação das trabalhadoras conserveiras) e Castro Marim a efeméride foi celebrada com iniciativas onde a fonte cultural foi saliente.

Em Serpa, as Comissões Unitárias de Mulheres do concelho promoveram uma comemoração que incluiu um desfile pelas ruas (com cerca de meio milhar de mulheres) protestando contra o desemprego, o aumento do custo de vida, etc.

Na Covilhã, mais de 400 pessoas reuniram-se no Cinecentro, onde assistiram ao 1.º Concurso de Fado Amador que tinha por tema a Mulher. Participaram nove concorrentes e Mário Fazenda Carvalho foi o primeiro classificado. Actuou ainda Fernando Farinha. Registraram-se intervenções de

Inácia Lopes, do Secretariado Nacional do MDM, de Lídia Pedro, do núcleo da Covilhã daquele Movimento, de Maria Estrela, do Departamento Feminino dos Sindicatos dos Lameiros e de Maria Ascensão, da CUM do Bairro da Biquinha.

Em Tortosendo, cerca de 300 pessoas conviviam no Mercado, tendo-se registado as intervenções de Maria José Tomás, da Direcção Nacional do MDM, e de Graça Oliveira Martins, delegada sindical. Actuaram depois a «Brigada Jovem», de Tortosendo, o «Conjunto Vinte Escudos», vencedor do recente festival da canção da JCP na Covilhã, e ainda Francisco Raimundo, acordeonista de Tortosendo.

Da Guarda a Angra do Heroísmo, onde as respectivas Uniãos de Sindicatos assinalaram a data, a outros lugares do país, o 8 de Março não passou despercebido às mulheres portuguesas, tendo havido muitas iniciativas culturais, festas e convívios.

No próximo Sábado, em Odivelas, às 21,30 horas, haverá uma festa na Sociedade Musical Odivelense, organizada pelo MDM, na qual se prevê a participação do camarada Severiano Falcão, membro do CC do PCP e presidente da Câmara de Lourdes, e do general Vasco Gonçalves.

## A melhor anedota da semana

A melhor anedota da semana publicou-a o semanário «Expresso» no último número ao transcrever parte de um documento difundido pelas associações da CAP que «contestam» José Manuel Casqueiro:

«À data de 74 — afirma o texto — não existiam latifúndios no Alentejo, visto não chegar a 5 por cento a área que se poderia considerar passível de melhor aproveitamento». Em contrapartida, dizem as associações «que a agricultura praticada era progressiva, verificando-se uma constante melhoria nos métodos e processos utilizados».

Também em 74, já não havia desemprego no Alentejo — de acordo com as signatárias do texto — «sendo os honorários os mais elevados do país».

Se este texto tivesse sido enviado para o concurso de anedotas do «Diário Popular» de sábado receberia os 250\$00 de prémio. Como foi publicado no semanário do primeiro-ministro Balsemão, talvez tenha direito a uma reserva no Alentejo.

## Escândalo em Aldeia SOS — uma bota difícil de descalçar

Eu via as senhoras a cavalo num corcel acima das nuvens, mas agora vejo-as de maneira diferente — as palavras são do provedor da Misericórdia de Vila Nova de Gaia, ex-membro da Direcção da Aldeia SOS do Norte e foram proferidas numa conferência de imprensa realizada na passada sexta-feira, em Lisboa. Significam, de forma muito eufemística, que as actuais responsáveis da Aldeia SOS de Bicesse deram um valente trambolhão do pedestal em que muitos as tinham colocado.

Esta, aliás, uma das conclusões que se tirou da referida conferência de imprensa, convocada pelo alemão Peter Sieger, membro da Organização Internacional das Aldeias SOS, para responder às acusações que lhe foram feitas pela versão portuguesa daquela organização, e que o «Avante!» noticiou.

Acompanhado por ex-membros da Aldeia do Norte (saneados pela Direcção Nacional SOS), pelo chefe da Aldeia de Bicesse Brito Fontes (actualmente com baixa) e por uma colaboradora da Aldeia, Peter Sieger negou a sua pretensão «sede de poder» ou o hipotético «aliciamento» de jovens para fins pouco claros e mostrou-se sobretudo perplexo com a existência dos graves problemas que o nosso jornal divulgou em primeira mão.

Perplexo porque durante os treze anos que trabalhou voluntariamente na SOS portuguesa, com as já célebres D. Palmira e D. Maria do Céu (directoras regional e nacional, respectivamente) nunca se apercebeu de problemas diferentes «dos normais em qualquer família»; nunca manifestou desejo de se

tradução bem à letra, como é bom de ver...

E os maus tratos, de que existem testemunhas, também não são de agora, pois foi revelado que já em 1978, durante um acampamento na Aldeia do Meco, os jovens — entregues à guarda de um sobrinho da D. Palmira — eram castigados fazendo-os bater com a cabeça nos pinheiros «até se ouvir o eco». Com muito amor, claro!

De assinalar que «o sobrinho à moda da tia» se encontra novamente na Aldeia de Bicesse, certamente com funções disciplinadoras da «imaginação» dos jovens.

Curioso é também o esquema arranjado para a tomada de decisões na Organização SOS em Portugal. Dos cerca de vinte mil sócios (que contribuem com dinheiro para a manutenção das Aldeias), apenas cinquenta são efectivos, ou seja, com direito a voto nas Assembleias Gerais. Como os sócios efectivos são escolhidos pela Direcção Nacional, pode-se dizer que fica tudo em família. Expulsa-se quem não alinha pelo diapasão comum, como aconteceu aos fundadores da Aldeia do Norte, cujo excesso de zelo incomodava, afastados de forma tão radical que foram até proibidos de angariar fundos ou sócios para a Aldeia!!!

E já que se fala de curiosidades refira-se a azáfama — salientada na conferência de imprensa — com que no último

mês as responsáveis de Bicesse começaram a abrir contas bancárias em nome dos jovens da Aldeia. O caso nada teria de estranho, uma vez que as regras internacionais mandam que os jovens entreguem à Aldeia 25% dos seus salários e que outros 25% sejam depositados em contas bancárias individuais, a prazo, se isto não tivesse acontecido quando a imprensa começou a fazer eco dos protestos dos jovens.

A legítima preocupação dos promotores da conferência de imprensa em querer defender antes de mais os interesses dos jovens, leva a apelar aos sócios das Aldeias SOS que não se afastem pelo facto de existirem problemas, de cuja gravidade certamente ninguém duvida.

A existência de problemas, muito pelo contrário, deverá levar à conjugação dos esforços de todos para a sua resolução.

Para que os inquiridos a decorrer não sirvam apenas para deitar areia nos olhos dos interessados.

## EIA, AVANTE!

ESPECTACULO DEDICADO AO 60.º ANIVERSÁRIO DO PCP

**PALÁCIO DE CRISTAL**  
21 MARÇO, SÁBADO, 21.30H  
PORTO



**Avante!**  
NOVA TABELA DE ASSINATURAS  
50 números  
CONTINENTE — 625\$00 — ILHAS — 780\$00  
ANGOLA, BRASIL, CABO VERDE, GUINÉ, MOÇAMBIQUE, S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 2400\$00  
ESPAÑA — 790\$00 — EUROPA — 1270\$00  
RESTO DO MUNDO — 1750\$00

Este mês há **SALDOS** de **LIVROS** no Centro de Trabalho Vitória Av. da Liberdade — Lisboa  
**DESCONTOS DE 30%, 40%, 50% 60%**  
Aberto ao público das 10 às 22 horas  
**Não perca a oportunidade**

**SAI NA PRÓXIMA 5.ª FEIRA.**  
Proletários de todos os países: UNI-VOS!  
**O Militante**  
BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS  
**NO NÚMERO DE MARÇO DESTACAMOS**  
• Vários artigos sobre o 60.º Aniversário do PCP  
• Um longo artigo sobre «Alguns problemas actuais do Movimento Sindical»

PCP

# «Eia Avante» foi êxito no Porto

Um Pavilhão do Académico a deixar por fora de gente e de entusiasmo; um Pavilhão pequenino para a noite de aniversário do PCP, vibrou intensamente com o espectáculo que os comunistas do Porto ofereceram à sua cidade.

João Fonseca, membro suplente do CC do executivo da DORP, faria uma curta intervenção política no início da sessão, em que o significado do aniversário do PCP seria posto em destaque. Erguer um palco, dar-lhe um cenário de festa e de luta, e fazer passar por ele a vida e as lutas de um povo e do seu Partido Comunista, é isto "Eia Avante!". O som e a imagem, o teatro e a canção, a arte popular e os maiores valores da cultura portuguesa, tudo elementos que

rítmo vivo e constante, esclareceu e divertiu, apelo à inteligência e à sensibilidade e mostrou por A mais B que o PCP mergulha as suas raízes nas tradições de luta do Povo português por uma vida digna e livre e se projecta no futuro como instrumento indispensável à concretização dessas legítimas aspirações.

Acendem-se as luzes, através da instalação sonora informam que há outra saída além da habitual, e um mar de gente começa a invadir as ruas circundantes habitualmente calmas a esta hora da noite, quem os vê e guarda ainda na memória a imagem projectada em slide da nova sede da Av. da Boavista que praticamente encenou o espectáculo, sente a força e a confiança no futuro

ser repetido no próximo dia 21, desta vez no Palácio de Cristal.

## Exposição da DORP

Continua patente na sede da DORP do PCP a exposição sobre a vida e as lutas do Partido. A exposição foi inaugurada no dia do 60.º Aniversário, com a presença de diversos dirigentes do Partido, entre os quais os camaradas Ângelo Veloso, suplente da Comissão Política, e Edgar Correia, da DORP e membro do Comité Central, além de numerosos convidados, militantes e amigos do Partido. A exposição, que conta com

cem painéis evocativos das origens e do nascimento do Partido, da sua vida ao longo de 60 anos e das lutas dos trabalhadores e do povo do Norte através de dezenas de anos, tem sido bastante apreciada.

De destacar que tecnicamente a exposição foi concebida para poder facilmente ser transportada e montada em outros locais do distrito.

## "Corrida da Esperança e do Futuro"

Promovida pelo Comité Local do Porto do PCP, teve lugar em

8 de Março a "Corrida da Esperança e do Futuro", que decorreu entre a primeira sede do PCP no Porto, no tempo da Primeira República, e a actual sede da DORP.

Participaram cerca de 300 atletas, em representação de numerosas organizações populares. Venceu a corrida Almerindo Miranda, do núcleo de atletismo do Monte dos Burgos, que percorreu o trajecto entre a Avenida dos Aliados e a Avenida da Boavista, com passagem por Aníbal Cunha, em 19 m e 13 s. A prova feminina foi

vencida por Maria Margarida, do A. D. Polonenses e o primeiro lugar por equipas foi obtido pelo núcleo de atletismo da Esperança.

## Festa para crianças

Também promovida pelo C. L. do Porto, realizou-se em 8 de Março, à tarde, na Praça General Humberto Delgado, uma festa para crianças que teve a participação de José Barata Moura, do coro dos Pioneiros de Portugal e do Rancho Típico do Ilhéu.

## Álvaro Cunhal no Porto

Promovido pela Direcção da Organização Regional do Porto (DORP) do PCP, decorrerá no próximo dia 21, às 15 horas, no Palácio de Cristal, naquela cidade, um grandioso comício integrado nas comemorações do 60.º aniversário do Partido, com a participação do camarada Álvaro Cunhal.

Se articulam de forma a constituir um espectáculo diversificado, é certo, mas coerente. Não sendo uma peça de teatro, nem um canto livre, nem um comício, "Eia Avante!" foi uma unidade marcada por um

que sempre acompanham o PCP, mesmo quando, como "Eia Avante!" sublinhou, uma mulher enfrenta um bando de esbirros da PIDE.

Foi assim "Eia Avante!". E o êxito foi tão grande, que irá

## Nos Açores celebrar o Partido é também ajudar

O Partido é um todo que continuamente se firma também pelo gesto militante de cada um de nós. Defender e reforçar o Partido é dar força à sua capacidade combativa em defesa dos justos anseios e aspirações do nosso povo — e a essa capacidade não são alheios os meios materiais de que o Partido possa dispor. Assim o entendeu o camarada Fausto Cristóvão, antigo e respeitado comerciante de Angra do Heroísmo, membro da Comissão da Ilha Terceira que, no 60.º aniversário do Partido, ofereceu 10 contos para ajudar à reconstrução do Centro de Trabalho nesta cidade, e ainda um televisor no valor de 16 mil escudos.

Deste gesto, para além do valor que ele próprio contém, nascem estímulos à luta dos comunistas na região, e nascem, desde já, nos Açores, novos gestos de ajuda.

## Bento Gonçalves evocado por Arsenalistas

«Como membro do Comité Central do PCP, como operário da Construção Naval e como antigo Arsenalista, é com a maior emoção e orgulho que participo nesta homenagem» — afirmou Jaime Serra no decorrer da romagem realizada no sábado no Alto de S. João, evocativo dos tarralistas já falecidos e, em especial, daquele que foi o primeiro secretário-geral do PCP. A homenagem promovida pelos tarralistas prosseguiu mais tarde com um almoço de confraternização do Mercado do Povo, onde vários oradores

preferiram intervenções alusivas ao aniversário do nosso Partido.

«Bento Gonçalves não viu o 25 de Abril em vida, mas foi tanto como nós o obreiro da Revolução de Abril», diria ainda Jaime Serra. «Como militante comunista trabalhei e lutei pela Revolução com a mesma abnegação e confiança de todos aqueles que viram com os seus olhos e trabalharam com as suas mãos esta gesta heroica do Povo português, iniciada na madrugada de 25 de Abril de 1974».

## Sorteio da DORL

### ● Aviso importante

Devem ser levantados até ao próximo dia 31, sem falta, os prêmios relativos ao sorteio de rifas organizado pela DORL que terminou no último dia de 1980. Como o «Avante!» então noticiou, o sorteio decorreu na festa de fim-de-ano realizada na Tapadinha. Apenas o primeiro prêmio foi até agora entregue.

Recordamos, entretanto, os números apurados: 2.º prêmio — 215359; 3.º — 127654; 4.º — 117716; 5.º — 372300.

Os contemplados devem dirigir-se o mais rapidamente possível ao Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, 170, em Lisboa. O mais tardar até ao próximo dia 31!

**DIVULGA O**  
**Avante!**  
**NO TEU LOCAL DE TRABALHO**

## Novo CT do Partido Festa rija em Fanhões

Integrado nas comemorações do 60.º aniversário do Partido, foi inaugurado no passado domingo o novo Centro de Trabalho de Fanhões (Loures) cujas iniciativas contaram com mais de 3 centenas de participantes num ambiente festivo, de alegria e também de uma grande combatividade e confiança. De início foi a concentração junto ao Centro de Trabalho com o ícar simbólico da bandeira do Partido e a visita às novas instalações. Seguiu-se um desfile pelas ruas da localidade com a «Xaranga de Sacavém» a abrir. Durante a tarde, no salão dos Bombeiros Voluntários houve festa rija com música e fados. Realizou-se também uma sessão em que intervieram um camarada da Comissão de Freguesia de Fanhões e o camarada Martins Coelho, da DORL, suplente do Comité Central. A finalizar, todos os presentes desfilaram novamente pelas ruas de Fanhões, desta vez a acabar com um grande beberete, fruto do trabalho dedicado dos camaradas e amigos da freguesia.

## — Camaradas falecidos

### FRAGOSO MENDES

Com 58 anos e natural de Lisboa, faleceu recentemente o militante comunista João Manuel Fragoso Mendes, professor agregado de Psiquiatria na Faculdade de Medicina de Lisboa, onde se licenciara em 1946. Fundador do Centro SOS, membro da Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria, o camarada Fragoso Mendes era chefe da clínica de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria. O lutador antifascista foi sepultado no cemitério de Benfica e a sua morte deve-se a uma doença que o afectou durante longo tempo.

### ANTÓNIO CONDEIXA

Natural de Benavente, faleceu recentemente o nosso camarada António José Condeixa, nascido em 1905, pedreiro reformado e activo lutador antifascista, perseguido pela PIDE, tendo sido detido duas vezes.

### FRANCISCO DE ANDRADE

Com 65 anos, ferroviário reformado, faleceu o camarada Francisco Rosa de Andrade,

## Selo comemorativo

Para o reforço dos fundos financeiros do PCP, a DORL promoveu a publicação de um selo artístico, iniciativa englobada numa campanha de recolha de donativos e ofertas especiais que decorre durante as comemorações do 60.º aniversário do Partido. Aquela campanha iniciou-se no comício realizado no passado sábado no Campo Pequeno, sendo uma iniciativa aberta à colaboração de todos os democratas e amigos que de algum modo pretendam ajudar o PCP.

## Seu trabalho avança, entretanto,

### A grande exposição de Maio

#### ● Apelo à colaboração

No Centro de Trabalho do Partido na Rua António Serpa, em Lisboa, vive-se neste momento uma intensa azáfama compartilhada já por vários camaradas, num espírito de total aplicação, esforço e criatividade. Trata-se da actividade preparatória da grande exposição sobre os aspectos fundamentais dos 60 anos de vida e luta do PCP, que estará patente de 3 a 20 de Maio no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa.

## Saudações ao «Avante!»

Os 50 anos do «Avante!» continuam a ser pretexto para a recepção na nossa Redacção de diversas mensagens de saudação, vindas de diversos pontos do mundo. É com especial emoção que registamos hoje as «calorosas e fraternas saudações comunistas» recebidas das camaradas do «Nham Dan», órgão central do Partido Comunista do Vietnam, em telegrama assinado pelo respectivo director, cama-

### ARNALDO DOS SANTOS

Membro do PCP há 50 anos, natural de Sagres, faleceu recentemente no Hospital de Santa Maria o camarada Arnaldo Batista dos Santos, de 85 anos, ex-empregado da Capitania do Porto de Sines, onde se encontrava há 25 anos. Entre os seus documentos a família encontrou um último testemunho da sua dedicação: as quotas do Partido pagas até ao fim deste ano.

### ANTÓNIO CANDEIAS

Com 50 anos, faleceu o nosso camarada António Silva Candeias, trabalhador da Rodoviária Nacional, casado e residente no Bairro Azeitano, em Palmela. Membro do Partido já antes do 25 de Abril, faleceu após prolongada doença no último dia do passado mês de Fevereiro.

## A grande exposição de Maio

#### ● Apelo à colaboração

A preparação de painéis e maquetas e com o estudo pormenorizado de todas as questões relacionadas com a realização de uma iniciativa com aquela envergadura, nomeadamente com a investigação em bibliotecas públicas e particulares, a recolha de material, a sua organização, e planificação, o estudo da arrumação do espaço e a visualização do conjunto do certame, etc. O grupo de camaradas que está a coordenar o trabalho

## Assembleias de Organização dos estudantes do PCP na URSS e em Queluz e Sobralinho

Decorreu recentemente em Kharkov a III Assembleia anual da organização dos estudantes do PCP na URSS, que contou com a participação do camarada Pires Jorge, membro do Comité Central. Foram discutidos os êxitos e as dificuldades da organização, tendo-se realizado o balanço da actividade do Partido desde a última Assembleia. Dos relatórios apresentados pelos organismos de cidade e pelo secretariado da organização sobressaiu a ideia de que a principal tarefa dos estudantes comunistas na URSS está a ser cumprida. Por fim, o camarada Pires Jorge fez uma curta intervenção em que expressou a sua confiança nos camaradas que estudam na União Soviética e na sua capacidade para melhorarem o trabalho do Partido. A encerrar foi eleito o secretariado da organização dos estudantes do PCP na URSS. No dia seguinte, teve lugar a IV Assembleia da Associação dos Estudantes Portugueses na União Soviética. Foi apresentado e discutido o balanço das actividades e, no final, eleita a nova direcção. De salientar o esforço bem sucedido de muitos dos núcleos de cidade que, apesar

## Assembleias de Organização dos estudantes do PCP na URSS e em Queluz e Sobralinho

da fraca ligação à direcção geral, conseguiram levar a cabo, desde a última Assembleia, algumas iniciativas de divulgação da cultura, do trabalho e da luta do Povo português. De salientar o apoio prestado pelos camaradas soviéticos do Instituto de Medicina e do Soviete Urbano de Kharkov, nomeadamente a cedência de instalações para a realização das Assembleias e de alojamentos para os seus participantes. No final dos trabalhos, realizou-se um debate sobre a situação política em Portugal. Da intervenção do camarada Pires Jorge e da discussão travada, que também abrangeu temas da actualidade internacional, destacou-se a firme confiança no futuro da nossa Revolução que, apesar da sua complexidade, continua bem viva a caminho de uma vida melhor e mais feliz para o Povo português.

«Proceder à discussão regular em todos os organismos sobre o recrutamento de novos membros do Partido, desenvolvendo esforços no sentido de que durante 1981 o recrutamento seja igual ou superior a 75 novos militantes,

## Fernão Lopes e a sua época

Por imperativas razões de espaço, não nos é possível incluir nesta edição o último da série de artigos dedicados a Fernão Lopes e a sua época, o que faremos na próxima semana.

## AGENDA

- **Aveiro**  
Amanhã, sexta-feira, às 21 e 30, sessões no Salão Cultural em Aveiro, com Aurélio Santos e em Oliveira de Azeméis, com Joaquim Gomes.  
Sábado, dia 14, jantar-convívio, às 20 horas, da Organização Concelhia de Ilhavo, no Restaurante Sô-Mar, na Praia da Barra; sessão em Espinho no Salão da Piscina, às 21 e 30, com Aurélio Santos (espectáculo com José Jorge Letria)
- **Braga**  
Sábado, dia 14, em Guimarães, sessão para militantes sobre trabalho ideológico e questões de política internacional, com Albano Nunes, às 16 horas, iniciativa conjunta das Comissões Concelhias do PCP de Famalicão e Guimarães.
- **Castelo Branco**  
Amanhã, sexta-feira, jantar-convívio em Castelo Branco, às 20 horas, com Blanqui Teixeira.  
Sábado, dia 14, jantar-convívio, às 20 horas, no Fundão, com João Amaral; almoço de confraternização às 13 horas no Clube Desportivo da Mata na Covilhã com Jaime Serra; jornada em Tortosendo, com almoço-convívio numa cooperativa às 13 horas e sessão evocativa às 21 no Salão «Unidos», com intervenção de Blanqui Teixeira.
- **Coimbra**  
Amanhã, sexta-feira, sessão no Centro Recreativo do Bairro Norton de Matos, às 21 e 30, com intervenção de Jaime Serra.  
Sábado, dia 14, reunião das células de empresa na Figueira da Foz; jantar-convívio e diaporama na Póvoa de S. Cosme (Oliveira do Hospital); jantar de confraternização na Figueira; reuniões de quadros em Carapinheira, Meãs, Tentugal e S. Barão (concelho de Montemor-o-Velho).  
Domingo, dia 15, almoço-convívio em Arganil.
- **Évora**  
Hoje, quinta-feira, iniciativa do Sector de Saúde de Évora.  
Amanhã, sexta-feira, às 21 horas, comício com Carlos Carvalhos no teatro Curvo Semedo, em Montemor-o-Novo (espectáculo com José Jorge Letria).  
Sábado, dia 14, festa na Igreja, em Arraiolos, com Custódio Gingão.
- **Faro**  
Amanhã, sexta-feira, em Silves, às 21 horas sessão com Margarida Tengarrinha; em Olhão, à mesma hora no salão do Sindicato dos Operários Conservadores, com Carlos Brito.  
Sábado, dia 14, inauguração do novo Centro de Trabalho de Olhão, às 16 horas (instalações oferecidas por um camarada da organização local); sessões às 16 horas em Faro e São Bartolomeu de Messines, respectivamente com Carlos Brito, (Pioneiros e acção de um grupo de Canto Livre) e com Margarida Tengarrinha; às 21 horas, em Monchique, com a mesma camarada; almoço de confraternização em Pechão (Olhão) torneio de futebol de salão em Faro; passagem de diaporamas em Alcoutim.  
Domingo, dia 15, sessão com Carlos Brito às 13 horas em Tavira; almoço-convívio em Conceição (Faro); passagem de diaporamas em Castro Marim.  
Dia 18, na Quarteira, às 20 horas, sessão com Carlos Luis Figueira e passagem de diaporamas.
- **Leiria**  
Amanhã, sexta-feira, em Leiria, iniciativa pública da célula dos Bancários sobre o aniversário da nacionalização da Banca.  
Sábado, dia 14, baile e festa-convívio no pavilhão da Feira, em Leiria; colóquio sobre a luta do PCP no Bairro dos Pescadores, na Nazaré, com projecção de filme.  
Domingo, dia 15, várias iniciativas sobre o aniversário do levantamento da Unidade de Caldas da Rainha (16 de Março de 1974); lançamento da primeira pedra do Centro de Trabalho e almoço-convívio na freguesia de Pataias, concelho de Alcobaça, com Joaquim Gomes; encerra a exposição e mini-feira do Livro no Centro de Trabalho de Pombal.
- **Lisboa**  
Amanhã, sexta-feira, às 17 horas, sessão de cinema no Centro de Trabalho dos Bancários, no Largo do Chiado, 12, 2.º, em Lisboa, com a apresentação dos filmes «A direcção do ataque principal» e «Retrospectiva do 1.º de Maio»; às 21 e 30, exibição do filme «Lenine em Outubro», no Centro de Trabalho de Campolide, iniciativa da 3.ª Zona do Comité Local de Lisboa (CLL); prossegue a 1.ª fase do Torneio de Futebol «60.º Aniversário do PCP», no campo Magalhães Lima (Alfama), com encontros às 20, 21, 22 e 23 horas, iniciativa do CLL.  
Dia 16, segunda-feira, prossegue a 1.ª fase do torneio de futebol no campo Magalhães Lima; sessão no CT Vitória, às 21 e 30, com Carlos Costa, promovida pelos Sectores de Artes e Letras e dos Professores da OR de Lisboa.
- **Porto**  
Amanhã, sábado e domingo, deputados comunistas visitam bairros camariños do Porto para um contacto com os moradores, em que serão discutidos problemas diversos, designadamente os aumentos do preço da água e das rendas.  
Domingo, dia 15, sessão com Aurélio Santos, às 15 horas, na Escola Industrial de Santo Tirso, sobre «Imprensa Operária» (canto livre e diaporama sobre a vida do Partido); comício no liceu de Matosinhos com Avelino Gonçalves e Joaquim Ribeiro, às 16 e 30.
- **Santarém**  
Amanhã, sexta-feira, sessão comemorativa em Tomar, no Salão dos Bombeiros, às 21 horas, com Dias Lourenço.  
Domingo, dia 15, almoço de confraternização nas instalações da Cooperativa 15 de Outubro, em Vale de Cavalos, com Domingos Lopes (canto livre com o grupo «Jomadada»); merenda e convívio em Pombalinho, com Fernando Oliveira; comício-festa em Abrantes às 21 horas, no Convento de S. Domingos, com Dias Lourenço (actuação do grupo «Jornada»); almoço de confraternização no Vale de Santarém.  
Domingo, 15, assembleia de organização de Abrantes com a presença do camarada Dias Lourenço que participará, à noite, num comício.
- **Setúbal**  
Sábado, dia 14, iniciativa em Canha (Montijo) com almoço de confraternização, sessão com Ercília Talhada e variedades; plenário concelhio sobre o trabalho de fundos em Setúbal; sessão com Maria da Piedade Morgadinho em Praias do Sado.  
Dia 17, terça-feira, almoço-convívio dos trabalhadores do Entreposto em Setúbal.
- **Viseu**  
Domingo, dia 15, convívio e projecção de filme em Oliveirinha.

**LIVRO NEGRO DO MAP À VENDA O LIVRO NEGRO DO MAP**

45 casos de reservas ilegais e arbitrarias. A violência dos senhores ricos. Quem os mette na ordem? Crédito com arma de pressão. Quem paga as dívidas? A quem serve o crédito para o fomento pecuário? Código n.º 0117 e Preço 30\$00

Trabalhadores

Escritórios do Porto - um escândalo UGT

Os usurpadores ligados à UGT, que ocupam os cargos directivos do Sindicato dos Escritórios do Porto, depois de batidos em eleições democráticas há mais de 2 anos, decidiram agora «democraticamente» e a seu modo «expulsar» todos os elementos dos corpos gerentes da lista vencedora de sócios do Sindicato.



Pelas liberdades no Arsenal

A proibição do exercício das liberdades sindicais, garantidas pela Constituição, continua a vigorar no Arsenal do Alfeite. A célula do Partido, ao referir-se à situação no estaleiro acusa o respectivo administrador de incompetência e aponta outros motivos de protesto, como seja o «desrespeito pelo órgão representativo dos trabalhadores» e a «não audição da CT em assuntos de importância fundamental».

Reunião de TE's

Na Escola Secundária Veiga Beirão, no Largo do Carmo, n.º 32, em Lisboa, realiza-se no próximo sábado, às 10 horas, uma reunião nacional de representantes de Associações de Trabalhadores-Estudantes (TE's). A actual política do Ministério da Educação, os principais problemas dos TE's e as formas de organização a nível distrital e nacional do Movimento Associativo Nocturno serão temas em foco.

O patrão da Câmara

Santa Cruz é um município que fica perto de Torres Vedras. Tem um presidente da Câmara PPD, o sr. Paulo de Jesus. Segundo comunicado recente da comissão da APU na localidade, aquele sr., «de uma forma arrogante e repressiva», obrigou cerca de 30 trabalhadores a assinar um contrato a prazo. Perante a insegurança e a ameaça que isso representa, os trabalhadores reclamaram. Resposta do «patrão da Câmara»: não pagar aos trabalhadores o mês de Janeiro de 1981, enquanto não assinassem o novo contrato.

ORTs das EPs reúnem-se hoje

Os organismos representativos dos trabalhadores (ORTs) das empresas públicas e nacionalizadas reúnem-se hoje num Encontro. «Sector decisivo para o desenvolvimento e independência da economia portuguesa», como o caracteriza a União dos Sindicatos de Setor (USS), as EPs e nacionalizadas atravessam «um momento difícil» com o Governo tentando destruí-las, «preferindo pagar indemnizações ao grande capital» em vez de as financiar.

Terra

Segunda-feira, em Lisboa A lavoura protesta contra a política agrícola

Depois da seca, das geadas, dos aumentos dos factores de produção e da política agrícola calamitosa deste e do anterior governo «AD», o que é que um agricultor tem a perder em ir à Lisboa, na próxima segunda-feira, dia 16 de Março, para participar na Jornada Nacional de Reclamação e Protesto promovida pela Confederação Nacional da Agricultura (CNA)?

Nada têm a perder. Antes pelo contrário. Quanto mais forem os que se reunirem em Lisboa, menos argumentos o Governo terá para não contemplar as reclamações feitas pela generalidade dos agricultores portugueses, os verdadeiros agricultores, aqueles que todos os dias se levantam ainda o sol não raiou para trabalhar em terra e a quem não basta a preocupação das más condições naturais para se terem de preocupar ainda com o aumento das razões, adubos, sementes, pesticidas, gasóleo, etc., e sem que os produtos que as terras dão aumentem de preço de molde a pagarem os créditos e não se endividarem novamente.

Não tinham uma vida de sacrifícios e os lucros (grandes) chegavam a horas certas.

Mas os agricultores não têm dinheiro. Alguns têm um bocadinho de terra, outros trazem-na arrendada, o que todos têm é a força do seu trabalho que nunca negaram. É justo que vejam alguma coisa do seu esforço.

Como se não bastasse o tempo, a política agrícola do Governo «AD» em nada tem ajudado os que trabalham a terra. De Norte à Sul do País elevam-se as reclamações. Por toda a parte, seja nas terras da Reforma Agrária, ou no Nordeste Transmontano não há um único agricultor que se sinta satisfeito com o que se está a passar.

Porquê, então, não ir à Lisboa? E mostrar com a sua presença física, junto aos milhares de agricultores que já manifestaram a sua intenção de ir, que o Governo - mas concretamente o MAP - deve avançar soluções, rapidamente, para que a situação se altere e seja realmente vantajoso trabalhar a terra.

Porquê, então, repetimos, não ir à Lisboa? E recordar ao Governo que as promessas em tempo de eleições devem ser cumpridas. E quantas promessas não foram feitas nessa ocasião?

Porquê, então, repetimos ainda, não ir à Lisboa? Nada há a perder. E pode ser que o Governo sinta finalmente que os agricultores organizados são uma força tão importante que é preciso respeitá-los, em vez de os deixar entregues aos joços de azar, à instabilidade do tempo, aos intermediários ou aos exploradores do trabalho alheio.

Entretanto, por toda a parte, surgem adesões a esta jornada. Diversas organizações da lavoura continuam a anunciar a sua intenção de ir a Lisboa na próxima segunda-feira.

Assim sucedeu na UCP «Liberdade de Seda» no passado dia 4 deste mês. Mais de 100 efectivos da GNR, com cães e cavalos, transportaram em camiões do MAP mais de 1500 cabeças de gado daquela UCP.

Após o sucedido, as explicações dadas eram e são contraditórias. O MAP atira as culpas para cima da GNR. Por sua vez, a GNR afirma ter actuado por solicitação do MAP.

Governo alimenta conflitos como fazia o anterior

O direito à greve «defende-se com o seu exercício de forma correcta e responsável», afirma o secretário nacional da CGTP-IN que «manifesta a sua solidariedade aos trabalhadores em luta, exortando-os a não recuarem no exercício pleno dos seus direitos, nomeadamente do direito à greve».

A CGTP-IN, entretanto recebida pelo ministro do Trabalho, cita o artigo 59.º da Constituição, segundo o qual «o âmbito dos interesses a defender através da greve é definido pelos trabalhadores» e acusa designadamente «o conselho de gerência da Petroquímica» (da confiança do Governo) de «atitudes provocatórias» com as quais «tenta empurrar os trabalhadores para a greve num sector vital da economia».

Comércio e Serviços

I Congresso depois de amanhã

Abertura e firmeza no programa de acção

Como o «Avante!» tem vindo a noticiar, o I Congresso da Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio e Serviços reune-se em Lisboa no próximo fim-de-semana.

Sob a palavra de ordem de «unir e organizar para intervir, dignificar e vencer», esta iniciativa da Federação, que há cerca de um ano reuniu um I Encontro Nacional donde saiu o Congresso como órgão máximo das associações sindicais da classe, tem para discutir e aprovar três projectos de documentos previamente distribuídos para apreciação e debate pelos trabalhadores.

Entre esses projectos ganha relevo indiscutível o programa de acção - vasto repertório de lutas, análises e experiências relativas à «situação económica do sector»; à «qualidade de vida e condições de trabalho»; aos problemas fundamentais da «organização» com as suas áreas específicas (mulheres, jovens trabalhadores, deficientes desempregados, reformados); «Movimento Sindical» (a CGTP-IN, «outras correntes do Movimento Sindical e a luta pela unidade»); «relações internacionais» e «defesa do regime democrático».

Os outros projectos dizem respeito aos estatutos e ao regulamento eleitoral do Congresso.

Segundo a proposta de estatutos, a Federação «reconhece e defende o princípio da liberdade sindical que garante a todos os trabalhadores o direito de se sindicalizarem independentemente das suas opções políticas ou religiosas».

Com sede em Lisboa e actividade em todo o território português a Federação agora em Congresso, segundo o projecto de estatutos que estamos a citar, «participa na CGTP-IN dela fazendo parte como associação sindical intermediária de coordenação e direcção da actividade a nível sectorial».

A Federação, que tem realizado no âmbito da preparação do Congresso vários debates pelo País, não nega a sua cooperação com organizações sindicais, ausentes do Movimento Sindical Unitário por razões de ordem ideológica, e manifesta a sua total disponibilidade para manter com elas um permanente diálogo - sublinha o projecto de Programa de Acção - desde que essas organizações sindicais «sejam efectivamente representativas e tenham por objectivo defender os interesses e direitos dos trabalhadores e o regime democrático inscrito na Constituição».

Concentração de agricultores em Paredes

Centenas de agricultores do Vale do Sousa, no distrito do Porto, concentraram-se no dia da feira de 2 de Março, em Paredes, frente à Câmara Municipal, para que uma delegação fosse recebida pelo respectivo presidente, no sentido de lhe serem expostos os principais problemas dos agricultores da região.

Entre as reclamações apresentadas pelos agricultores contavam-se a subida dos preços do gado (245300 para bovino adulto), um subsídio de 25 por cento nas razões, vacinação gratuita, seguro para a pecuária e fim do contrabando de gado.

Reformados apelam para os deputados

O Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) entregou na Assembleia da República uma exposição aos grupos parlamentares reclamando, quando das análises e discussão do Orçamento Geral do Estado, que tomem as medidas necessárias para que o Estado subsidie a segurança social, de modo a serem satisfeitas as reivindicações dos reformados para 1981, particularmente no que respeita ao aumento das pensões.

Rejeitando a pretensa justificação de incapacidade financeira do regime de segurança social para melhorar todas as pensões, o MURPI faz notar que a incapacidade financeira da Previdência é fruto, por um lado, da redução forçada das receitas resultantes das dívidas de entidades patronais, da crise do desemprego e da contenção dos salários e, por outro lado, do vultoso aumento dos encargos com prestações que dependem da solidariedade nacional, cabendo portanto ao Estado, não sendo justo que sejam os reformados a sofrerem as consequências de tais anomalias e abusos.

Na sua exposição os Reformados repudiam ainda a injusta ilusão de que as pensões foram aumentadas no último trimestre de 1980, porque o aumento então concedido já era devido desde o início do ano, tendo sido retardado para efeitos de propaganda eleitoral, sem preocupação pelos graves reflexos que o retardamento acarretava para as condições de vida dos idosos, inválidos e viúvas.

Rejeitando a pretensa justificação de incapacidade financeira do regime de segurança social para melhorar todas as pensões, o MURPI faz notar que a incapacidade financeira da Previdência é fruto, por um lado, da redução forçada das receitas resultantes das dívidas de entidades patronais, da crise do desemprego e da contenção dos salários e, por outro lado, do vultoso aumento dos encargos com prestações que dependem da solidariedade nacional, cabendo portanto ao Estado, não sendo justo que sejam os reformados a sofrerem as consequências de tais anomalias e abusos.

Contra esta decisão apenas votaram os vereadores da APU, não tendo os vereadores do PS, estranhamente, manifestado qualquer oposição.

Uma comissão unitária de mulheres do concelho do Porto fez entrega na última sessão pública da Câmara desta cidade de um documento, contendo mais de 6000 assinaturas recolhidas na baixa portuense durante 3 dias, em que se denunciam os anunciados aumentos na água, electricidade e rendas de casa das habitações sociais.

Poder local

Câmara do Porto quer ser senhorio rico

A Câmara Municipal do Porto, dominada pela maioria «AD» que tanto tem dado que falar, aprovou em recente reunião duas propostas que, como afirma um documento da DORP do PCP, conduzem em linha recta ao aumento das rendas de casa nos bairros camarários.

Contra esta decisão apenas votaram os vereadores da APU, não tendo os vereadores do PS, estranhamente, manifestado qualquer oposição.

Uma comissão unitária de mulheres do concelho do Porto fez entrega na última sessão pública da Câmara desta cidade de um documento, contendo mais de 6000 assinaturas recolhidas na baixa portuense durante 3 dias, em que se denunciam os anunciados aumentos na água, electricidade e rendas de casa das habitações sociais.

Tendo-se acordado em ouvir uma representante do numeroso grupo de mulheres que se deslocou à Câmara para entrega do referido documento, usou da palavra Alexandra Soares, que disse estar ali no exercício de um direito conquistado com o 25 de

opinião pública, está disposta a usar de um pouco de cautela. O que aliás lhe faz falta, porque já na última sessão pública da Câmara, uma delegação representativa das mulheres da cidade ali apresentou um abaixo-assinado e fez uso da palavra para denunciar os propósitos da Câmara de aumentar os

preços dos Serviços Municipalizados (já materializados nos aumentos das tarifas da água, prevendo-se para breve o aumento da electricidade), numa clara demonstração do interesse crescente e da oposição crítica com que a população da cidade segue a questão camarária.

Mulheres protestam contra custo de vida

Abriu para apresentar um «protesto enérgico» pela alta do custo de vida especialmente sofrido pelas donas de casa, e acusou a «AD» de falhar às promessas eleitorais. Tal não foi do agrado do arq. Alfredo Magalhães, presidente mantido a ferro pela «AD» à frente dos destinos da Câmara do Porto.

O sr. arq. interrompeu exaltadamente tão incómoda intervenção e a partir daqui os acontecimentos precipitaram-se: que lhe retirava a palavra, que mandava chamar a polícia caso na se calassem (gritando para a assistência), que abandonava a sessão. E a polícia acabou mesmo por entrar (nas Cortes de

Abriu para apresentar um «protesto enérgico» pela alta do custo de vida especialmente sofrido pelas donas de casa, e acusou a «AD» de falhar às promessas eleitorais. Tal não foi do agrado do arq. Alfredo Magalhães, presidente mantido a ferro pela «AD» à frente dos destinos da Câmara do Porto.

O sr. arq. interrompeu exaltadamente tão incómoda intervenção e a partir daqui os acontecimentos precipitaram-se: que lhe retirava a palavra, que mandava chamar a polícia caso na se calassem (gritando para a assistência), que abandonava a sessão. E a polícia acabou mesmo por entrar (nas Cortes de

Abriu para apresentar um «protesto enérgico» pela alta do custo de vida especialmente sofrido pelas donas de casa, e acusou a «AD» de falhar às promessas eleitorais. Tal não foi do agrado do arq. Alfredo Magalhães, presidente mantido a ferro pela «AD» à frente dos destinos da Câmara do Porto.

O sr. arq. interrompeu exaltadamente tão incómoda intervenção e a partir daqui os acontecimentos precipitaram-se: que lhe retirava a palavra, que mandava chamar a polícia caso na se calassem (gritando para a assistência), que abandonava a sessão. E a polícia acabou mesmo por entrar (nas Cortes de

Abriu para apresentar um «protesto enérgico» pela alta do custo de vida especialmente sofrido pelas donas de casa, e acusou a «AD» de falhar às promessas eleitorais. Tal não foi do agrado do arq. Alfredo Magalhães, presidente mantido a ferro pela «AD» à frente dos destinos da Câmara do Porto.

Semana do Alentejo na Amadora

Por iniciativa do Centro Cultural Roque Gameiro, em colaboração com a Casa do Alentejo e outras entidades, a Amadora vai dedicar a semana de 15 a 22 de Março ao Alentejo.

A «Semana do Alentejo» será assinalada com exposições de artesanato; cantares alentejanos; folclore; colóquios sobre o Alentejo na Arte, na História e na Literatura; e ainda um desfile e festival de música popular.

Também na Amadora, nas instalações da respectiva Câmara Municipal, esteve patente de 4 a 11 do corrente uma exposição sobre arte popular da República Federativa da Rússia.

A iniciativa é da organização local da Associação Portugal-URSS, que contou com a colaboração da Câmara Municipal da Amadora e da Embaixada da URSS, incluída a mostra de valiosas peças de osso, barro e madeira, para além de linhos, tapetes e rendas, bem como filigranas.

Encontro Regional da APU na Madeira

Realiza-se no próximo dia 29, no Funchal, o III Encontro da APU da Região Autónoma da Madeira, em que participam activistas de todos os concelhos da ilha e de Porto Santo.

O Encontro deverá possibilitar o levantamento das principais carências das populações locais e a análise da actividade desenvolvida pelos eleitos da APU nos vários órgãos de poder local.

Reformados apelam para os deputados

O Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) entregou na Assembleia da República uma exposição aos grupos parlamentares reclamando, quando das análises e discussão do Orçamento Geral do Estado, que tomem as medidas necessárias para que o Estado subsidie a segurança social, de modo a serem satisfeitas as reivindicações dos reformados para 1981, particularmente no que respeita ao aumento das pensões.

Rejeitando a pretensa justificação de incapacidade financeira do regime de segurança social para melhorar todas as pensões, o MURPI faz notar que a incapacidade financeira da Previdência é fruto, por um lado, da redução forçada das receitas resultantes das dívidas de entidades patronais, da crise do desemprego e da contenção dos salários e, por outro lado, do vultoso aumento dos encargos com prestações que dependem da solidariedade nacional, cabendo portanto ao Estado, não sendo justo que sejam os reformados a sofrerem as consequências de tais anomalias e abusos.

Na sua exposição os Reformados repudiam ainda a injusta ilusão de que as pensões foram aumentadas no último trimestre de 1980, porque o aumento então concedido já era devido desde o início do ano, tendo sido retardado para efeitos de propaganda eleitoral, sem preocupação pelos graves reflexos que o retardamento acarretava para as condições de vida dos idosos, inválidos e viúvas.

Os usurpadores ligados à UGT, que ocupam os cargos directivos do Sindicato dos Escritórios do Porto, depois de batidos em eleições democráticas há mais de 2 anos, decidiram agora «democraticamente» e a seu modo «expulsar» todos os elementos dos corpos gerentes da lista vencedora de sócios do Sindicato.

A proibição do exercício das liberdades sindicais, garantidas pela Constituição, continua a vigorar no Arsenal do Alfeite. A célula do Partido, ao referir-se à situação no estaleiro acusa o respectivo administrador de incompetência e aponta outros motivos de protesto, como seja o «desrespeito pelo órgão representativo dos trabalhadores» e a «não audição da CT em assuntos de importância fundamental».

Comércio e Serviços

I Congresso depois de amanhã

Abertura e firmeza no programa de acção

Como o «Avante!» tem vindo a noticiar, o I Congresso da Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio e Serviços reune-se em Lisboa no próximo fim-de-semana.

Sob a palavra de ordem de «unir e organizar para intervir, dignificar e vencer», esta iniciativa da Federação, que há cerca de um ano reuniu um I Encontro Nacional donde saiu o Congresso como órgão máximo das associações sindicais da classe, tem para discutir e aprovar três projectos de documentos previamente distribuídos para apreciação e debate pelos trabalhadores.

Entre esses projectos ganha relevo indiscutível o programa de acção - vasto repertório de lutas, análises e experiências relativas à «situação económica do sector»; à «qualidade de vida e condições de trabalho»; aos problemas fundamentais da «organização» com as suas áreas específicas (mulheres, jovens trabalhadores, deficientes desempregados, reformados); «Movimento Sindical» (a CGTP-IN, «outras correntes do Movimento Sindical e a luta pela unidade»); «relações internacionais» e «defesa do regime democrático».

Os outros projectos dizem respeito aos estatutos e ao regulamento eleitoral do Congresso.

Segundo a proposta de estatutos, a Federação «reconhece e defende o princípio da liberdade sindical que garante a todos os trabalhadores o direito de se sindicalizarem independentemente das suas opções políticas ou religiosas».

Com sede em Lisboa e actividade em todo o território português a Federação agora em Congresso, segundo o projecto de estatutos que estamos a citar, «participa na CGTP-IN dela fazendo parte como associação sindical intermediária de coordenação e direcção da actividade a nível sectorial».

A Federação, que tem realizado no âmbito da preparação do Congresso vários debates pelo País, não nega a sua cooperação com organizações sindicais, ausentes do Movimento Sindical Unitário por razões de ordem ideológica, e manifesta a sua total disponibilidade para manter com elas um permanente diálogo - sublinha o projecto de Programa de Acção - desde que essas organizações sindicais «sejam efectivamente representativas e tenham por objectivo defender os interesses e direitos dos trabalhadores e o regime democrático inscrito na Constituição».

Concentração de agricultores em Paredes

Centenas de agricultores do Vale do Sousa, no distrito do Porto, concentraram-se no dia da feira de 2 de Março, em Paredes, frente à Câmara Municipal, para que uma delegação fosse recebida pelo respectivo presidente, no sentido de lhe serem expostos os principais problemas dos agricultores da região.

Entre as reclamações apresentadas pelos agricultores contavam-se a subida dos preços do gado (245300 para bovino adulto), um subsídio de 25 por cento nas razões, vacinação gratuita, seguro para a pecuária e fim do contrabando de gado.

Reformados apelam para os deputados

O Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI) entregou na Assembleia da República uma exposição aos grupos parlamentares reclamando, quando das análises e discussão do Orçamento Geral do Estado, que tomem as medidas necessárias para que o Estado subsidie a segurança social, de modo a serem satisfeitas as reivindicações dos reformados para 1981, particularmente no que respeita ao aumento das pensões.

Rejeitando a pretensa justificação de incapacidade financeira do regime de segurança social para melhorar todas as pensões, o MURPI faz notar que a incapacidade financeira da Previdência é fruto, por um lado, da redução forçada das receitas resultantes das dívidas de entidades patronais, da crise do desemprego e da contenção dos salários e, por outro lado, do vultoso aumento dos encargos com prestações que dependem da solidariedade nacional, cabendo portanto ao Estado, não sendo justo que sejam os reformados a sofrerem as consequências de tais anomalias e abusos.

Na sua exposição os Reformados repudiam ainda a injusta ilusão de que as pensões foram aumentadas no último trimestre de 1980, porque o aumento então concedido já era devido desde o início do ano, tendo sido retardado para efeitos de propaganda eleitoral, sem preocupação pelos graves reflexos que o retardamento acarretava para as condições de vida dos idosos, inválidos e viúvas.

opinião pública, está disposta a usar de um pouco de cautela. O que aliás lhe faz falta, porque já na última sessão pública da Câmara, uma delegação representativa das mulheres da cidade ali apresentou um abaixo-assinado e fez uso da palavra para denunciar os propósitos da Câmara de aumentar os

preços dos Serviços Municipalizados (já materializados nos aumentos das tarifas da água, prevendo-se para breve o aumento da electricidade), numa clara demonstração do interesse crescente e da oposição crítica com que a população da cidade segue a questão camarária.

Mulheres protestam contra custo de vida

Abriu para apresentar um «protesto enérgico» pela alta do custo de vida especialmente sofrido pelas donas de casa, e acusou a «AD» de falhar às promessas eleitorais. Tal não foi do agrado do arq. Alfredo Magalhães, presidente mantido a ferro pela «AD» à frente dos destinos da Câmara do Porto.

O sr. arq. interrompeu exaltadamente tão incómoda intervenção e a partir daqui os acontecimentos precipitaram-se: que lhe retirava a palavra, que mandava chamar a polícia caso na se calassem (gritando para a assistência), que abandonava a sessão. E a polícia acabou mesmo por entrar (nas Cortes de

Abriu para apresentar um «protesto enérgico» pela alta do custo de vida especialmente sofrido pelas donas de casa, e acusou a «AD» de falhar às promessas eleitorais. Tal não foi do agrado do arq. Alfredo Magalhães, presidente mantido a ferro pela «AD» à frente dos destinos da Câmara do Porto.

O sr. arq. interrompeu exaltadamente tão incómoda intervenção e a partir daqui os acontecimentos precipitaram-se: que lhe retirava a palavra, que mandava chamar a polícia caso na se calassem (gritando para a assistência), que abandonava a sessão. E a polícia acabou mesmo por entrar (nas Cortes de

Abriu para apresentar um «protesto enérgico» pela alta do custo de vida especialmente sofrido pelas donas de casa, e acusou a «AD» de falhar às promessas eleitorais. Tal não foi do agrado do arq. Alfredo Magalhães, presidente mantido a ferro pela «AD» à frente dos destinos da Câmara do Porto.

O sr. arq. interrompeu exaltadamente tão incómoda intervenção e a partir daqui os acontecimentos precipitaram-se: que lhe retirava a palavra, que mandava chamar a polícia caso na se calassem (gritando para a assistência), que abandonava a sessão. E a polícia acabou mesmo por entrar (nas Cortes de

Abriu para apresentar um «protesto enérgico» pela alta do custo de vida especialmente sofrido pelas donas de casa, e acusou a «AD» de falhar às promessas eleitorais. Tal não foi do agrado do arq. Alfredo Magalhães, presidente mantido a ferro pela «AD» à frente dos destinos da Câmara do Porto.

Encontro de quadros em Montemor-o-Novo

Realizou-se na passada segunda-feira, em Montemor-o-Novo, uma reunião nacional de quadros do PCP para troca de experiências e debate em matéria de planeamento municipal e sobre a actividade das Comissões de Coordenação Regional.

Durante os trabalhos foram amplamente denunciadas as ingerências do Poder Central no funcionamento municipal e os boicotes trazidos na recusa ou protelamento da aprovação de Planos Directores e de Planos de Urbanização municipais.

Sobre a actividade das Comissões Coordenadoras Regionais (CGRs) foi evidenciado o papel que lhes tem vindo a ser atribuído de controle e ingerência nas autarquias e concluiu-se pela necessidade de combater as suas tentativas de exercício de qualquer actividade que legalmente caiba ao Poder Local.

Machico a Cidade

A passagem da vila de Machico a cidade é uma justa e importante aspiração popular, de há anos a esta parte. Sede de concelho, Machico conta hoje com mais de onze mil e seiscentos habitantes, sendo uma das mais importantes vilas da Região Autónoma da Madeira pelas suas tradições históricas, culturais e desenvolvimento económico.

A iniciativa de passagem a cidade partiu do Partido Socialista e conta com todo o apoio da APU.

Encontro de Quadros em Lisboa

A Direcção da Organização Regional de Lisboa do PCP leva a efeito no próximo dia 15 de Março, domingo, na Voz do Operário, um Encontro Distrital das Organizações do PCP para o trabalho nas Autarquias Locais.

Os trabalhos, que se iniciam às 9.30 horas, incidirão sobre a actividade dos comunistas nos órgãos de poder local e o trabalho destes órgãos de um modo geral, no distrito de Lisboa.

Tarifas da electricidade em debate no Norte

Os eleitos da APU nas Câmaras e Assembleias Municipais do Porto, Vila Nova de Gaia, Gondomar, Matosinhos e Maia decidiram promover, no próximo dia 11 de Abril, um encontro sobre as tarifas da electricidade no distrito.

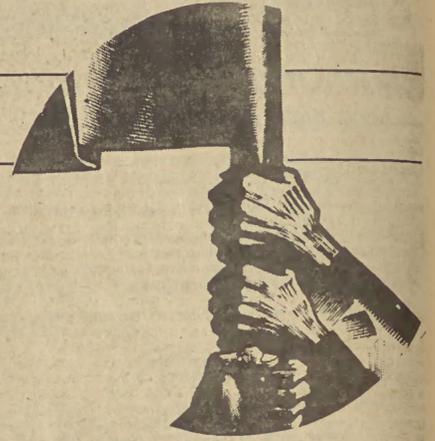
O aumento daquelas tarifas é particularmente sentido na cidade do Porto, cuja população foi durante dezenas de anos incentivada a consumir energia eléctrica, em detrimento de outras formas de energia, através duma política de diminuição dos preços com o aumento do consumo.

Os eleitos da APU apelam a todas as organizações de classe e populares, a toda a população em geral, para que participem neste esforço de discussão colectiva do problema, no sentido de encontrar soluções que melhor defendam os interesses dos trabalhadores e do povo.



A imagem data do Governo anterior. Mas os dez meses passados entretanto só alteraram a sua actualidade num aspecto: no reforço cada vez mais intenso da luta os trabalhadores em defesa não só das nacionalizações, mas de todas as grandes conquistas e realizações de Abril

# Saudações ao PCP por ocasião do 60.º aniversário



### Numerosas saudações de partidos irmãos e outras organizações progressistas de todo o mundo continuam a ser recebidas no Comité Central do nosso Partido, por ocasião do 60.º aniversário do PCP. Proseguimos nesta edição a publicação de extractos dessas mensagens.

#### Partido Comunista de Cuba

por ocasião da comemoração do 60.º Aniversário da fundação do Partido Comunista Português recebem as saudações fraternais e calorosas dos comunistas e de todo o povo cubano.

O vosso partido desenvolveu-se nas difíceis condições determinadas por quase meio século de ditadura fascista. Durante esse longo período, os comunistas portugueses mantiveram uma firme e corajosa actividade durante a luta clandestina que significou uma implacável perseguição, tortura, prisão e morte para numerosos camaradas. A partir do derrube do fascismo e do colonialismo o Partido Comunista Português colocou-se na vanguarda do seu povo na luta pela realização e o avanço das transformações sociais alcançadas no processo iniciado em 25 de Abril de 1974. Na actualidade o PCP continua lutando pela unidade de todas as forças democráticas e constituiu um destacamento corajoso e firme do povo trabalhador português na defesa das suas conquistas.

Queremos reiterar-vos os nossos sentimentos de amizade e solidariedade assim como a vontade de continuar a agir pelo desenvolvimento dos vínculos entre ambos os partidos na base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

#### Partido Revolucionário Popular Mongol

Os comunistas e os trabalhadores da Mongólia Socialista exprimem os seus sentimentos de solidariedade internacionalista com a actividade consequente dos comunistas portugueses, na defesa dos interesses vitais e dos direitos democráticos da classe operária e do povo trabalhador de Portugal, em defesa da coesão de todas as forças democráticas da esquerda portuguesa, na luta pela salvaguarda e consolidação das conquistas da revolução de Abril, pela realização de transformações políticas, sociais e económicas progressistas no país, pela paz e a segurança, pelo desanuviamento internacional e o desarmamento.

O Partido Comunista Português destacamento combativo do movimento comunista internacional, dá um importante contributo para o reforço da unidade e da coesão dos comunistas de todo o mundo na base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e à luta pela solidariedade internacional com todas as forças em luta contra o imperialismo e o hegemonismo.

#### Partido do Trabalho da Coreia

A fundação do Partido Comunista Português constituiu um grande acontecimento histórico que tem enorme significado no movimento comunista e no movimento operário em Portugal.

Desde os primeiros dias da sua fundação, o vosso partido conduziu incansavelmente uma luta corajosa pela liberdade e a democracia, apesar das condições difíceis sob o domínio da ditadura fascista em Portugal e, contribuiu para o derrube do poder ditatorial, dando desta

maneira grandes contribuições para o desenvolvimento democrático do vosso país.

Presentemente, também o Partido Comunista Português desenvolveu energeticamente a luta contra o imperialismo e as forças reacionárias e de direita e pela unidade de todas as forças democráticas do país. Luta também firmemente por defender o espírito da Revolução de 25 de Abril, as conquistas revolucionárias, a independência nacional e o regime democrático e por levar a cabo a causa do socialismo.

#### Partido Comunista do Iraque

Durante cerca de meio século de trabalho clandestino e de repressão brutais, o PCP dirigiu corajosamente a luta contra a mais longa ditadura fascista jamais existente. O Partido Comunista Português passou por duros sacrifícios na luta de libertação do Povo português do seu terrível passado.

O PCP tem levado a cabo uma luta igualmente abnegada em defesa dos interesses da classe operária, alcançando assim um elevado prestígio entre as massas trabalhadoras.

O PCP tem levantado bem alto a bandeira do internacionalismo proletário colocando-se ao lado dos povos colonizados, vítimas da opressão, da rapina e crimes do colonialismo português.

O vosso partido tem contribuído de forma eficaz para o fortalecimento da unidade do movimento comunista e operário internacional, na base dos sólidos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. O PCP não tem poupado esforços na defesa da maior conquista deste movimento: a comunidade socialista e a sua vanguarda, a URSS.

#### Partido Comunista do Chile

Os comunistas chilenos expressam a sua inteira solidariedade e apoio à luta que o Partido Comunista Português, juntamente com outras forças progressistas e democráticas, leva a cabo em defesa das conquistas alcançadas pela Revolução de 25 de Abril, pelo desenvolvimento da democracia e pelo afastamento dos inimigos internos e externos. Estamos certos de que a justa política do vosso partido, fiel aos princípios do marxismo-leninismo, representante dos reais interesses da classe operária e do Povo português, internacionalista consequente e destacado, permitirá elevar a novos níveis a unidade e o combate pelo futuro de paz, de democracia e de progresso.

No Chile estamos a desenvolver todos os nossos esforços para elevar a luta de massas a níveis superiores. O terror fascista preparado e apoiado pelos imperialistas norte-americanos, pretende sufocar a organização e a luta da classe operária e de sectores democráticos. Reivindicamos o direito de enfrentar o terrorismo com a violência revolucionária e o legítimo direito do povo à rebelião que, em definitivo, vinculado à luta de massas, será decisivo para o derrube do regime fascista encabeçado por Pinochet. Não poupamos esforços para unir todos os antifascistas e não fascistas nesta grande tarefa democrática e revolucionária. Estamos certos de que nos nossos futuros combates

continuaremos a contar com a mais ampla solidariedade do vosso partido, um contributo importantíssimo à nossa luta.

#### Partido Comunista da Finlândia

Nenhuma outra força política em Portugal defendeu de forma tão consequente e vigorosa as conquistas da Revolução de 25 de Abril como o Partido Comunista Português. Temperado pela duríssima luta clandestina, ao longo de 48 anos de ditadura fascista, o vosso partido trabalha incansavelmente para alcançar a unidade de todas as forças democráticas. O vosso partido apoia-se nas massas operárias, combativas e fortemente organizadas, nas fábricas, como nos campos. Apoiando-se na Constituição democrática, vos representais os reais e legítimos interesses nacionais de Portugal. Sem o Partido Comunista Português o desenvolvimento democrático do vosso país não poderá ser assegurado.

O Partido Comunista Finlandês, os 50 000 comunistas do nosso país, transmitem-vos as suas mais calorosas saudações de solidariedade. Une-nos a fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Unem-nos a nossa actividade revolucionária em prol do bem-estar dos nossos dois povos e os nossos incansáveis esforços para assegurar a paz, o desanuviamento, o desarmamento e a segurança europeia.

#### Partido Comunista Italiano

É um balanço de enorme significado o que o vosso partido apresenta ao país e ao movimento operário por ocasião do 60.º Aniversário: desde a difícil e longa luta na clandestinidade contra o fascismo até à gloriosa revolução de Abril, com as suas conquistas sociais e democráticas, e hoje com a acção coerente que conduziu para salvar e consolidar estas conquistas e reforçar a unidade da classe operária e das forças democráticas. É significativo e importante que os vossos esforços e os de outras forças democráticas tenham permitido reconfirmar para Portugal uma Presidência da República que se reconhece na Constituição expressa pela Revolução de Abril.

Na circunstância tão significativa do 60.º Aniversário da fundação dos nossos dois partidos permitam-nos, queridos camaradas, que vos dirigamos os votos de novos sucessos juntamente com o voto de um desenvolvimento ulterior das relações entre o PCI e o PCP, entre o povo italiano e o povo português, no comum interesse da luta pela paz, a democracia e o socialismo.

#### Partido Comunista da Bolívia

O Partido Comunista da Bolívia associa-se às comemorações do 60.º Aniversário do partido irmão, desejando maiores êxitos na sua abnegada luta em defesa das conquistas de Abril, pela democracia e o progresso social.

Saudamos a firmeza aos princípios do marxismo-leninismo e a consequente posição internacionalista que caracteriza a vanguarda revolucionária do Povo português.

Fraternamente.

#### Partido Comunista Brasileiro

Em nome do Partido Comunista Brasileiro e de seu Comité Central, saudamos calorosamente o Partido Comunista Português e o vosso Comité Central, pelo transcurso do 60.º Aniversário, dedicados em

## Comemorações em Portugal... e no estrangeiro

Um pouco por todo o país, iniciativas de carácter bem diverso assinalaram nos últimos dias, e em especial no passado fim-de-semana, os 60 anos de vida e luta do PCP. O entusiasmo, o espírito combativo, a dedicação e também a afirmação da unidade democrática foram notas comuns e salientes no conjunto das numerosas realizações, que, entretanto, prosseguem, como referimos na página 4.

O resumo das actividades que em seguida publicamos dá aos nossos leitores apenas uma imagem muito sintética da vasta comemoração assinalada no país, uma vez que apontar todas as iniciativas realizadas seria, como certamente se compreende, quase impossível.

#### Açores e Madeira

Nas Regiões Autónomas, entre outras iniciativas, podemos destacar a grande venda de rifas promovida pela organização da ilha do Pico (Açores), sessão-convívio realizada no passado dia 6 no CT do Funchal (Madeira), com a participação de cerca de 200 pessoas, camaradas e amigos do Partido, e a exposição instalada no dia 7 no MACH, no largo em frente do Centro de Trabalho.

#### Aveiro

Uma centena de pessoas no jantar-convívio da Organização Concelhia de Aveiro, na Praia da Barra; e outra centena no almoço de confraternização em Ovar, no CT do Partido, não esquecendo as iniciativas de Espinho, Estarreja, Pampilhosa (Mealhada), Ilhavo, S. Paulo de Ovar, S. João da Madeira, e Arcos, deram no distrito de Aveiro o ambiente da festa do convívio e da unidade nesta passagem do aniversário do Partido.

#### Braga

Jantar-convívio, bancas e sessões em Braga; romagem ao cemitério de Fafe em homenagem aos antifascistas falecidos; importantes reuniões de organizações em Guimarães; iniciativa desportiva em Vila Nova de Famalicão; e outras actividades em Riba d'Ave e Barcelos (freguesia de Galenduro) foram algumas das realizações levadas a efeito no distrito de Braga no último fim-de-semana, e que decorreram com elevada participação e entusiasmo.

#### Castelo Branco e Guarda

Sessões, encontros, debates, afixação de panos e cartazes, exposições e principalmente várias actividades apontadas ao reforço da organização do Partido foram as notas dominantes das comemorações do 60.º aniversário nos últimos dias nas zonas de Castelo Branco e da Guarda.

No passado dia 8 realizou-se em Gouveia uma romagem às campas dos participantes nas

greves de 1946 na Serra da Estrela. A tarde houve convívio, com intervenção política do camarada Carlos Pinhão, do CG, sobre a vida do Partido e as lutas dos trabalhadores no passado e no presente. Participação destacada nesta animada sessão foi sem dúvida a da juventude e das mulheres. Presentes cerca de 100 pessoas.

Em Tortosendo realizou-se uma tarde desportiva.

#### Coimbra

Além de iniciativas na Alameda da Foz, Vila Verde, Poiares, Soure, Penacova e Montemor-o-Velho, a capital do distrito, Coimbra, foi cenário de duas jornadas de confraternização no passado dia 6. Uma foi promovida pelo Sector Intelectual, com participação de quase 200 pessoas, e na qual estiveram presentes professores e médicos, tendo havido intervenções do vice-reitor da Universidade, professor Luis Albuquerque, do doutor Louçã Henriques, médico, e do camarada Jaime Serra da Comissão Política do CC do Partido. De salientar a presença nesta iniciativa de muitas personalidades independentes e outras ligadas ao PS.

#### Évora

Arraiolos, Bencatel e Évora foram alguns dos pontos deste distrito da Reforma Agrária onde nos últimos dias decorreram importantes iniciativas para assinalar os 60 anos do PCP. Os camaradas Veiga de Oliveira, António Murteira, Custódio Gíngão, Diniz Miranda, António Gervásio e João Honrado foram oradores nessas realizações, que mobilizaram milhares de pessoas.

#### Faro

Só no último fim-de-semana, mas de mil pessoas participaram no Algarve nas diversas actividades realizadas pelas militantes comunistas. Assim sucedeu em Portimão (com José Vitoriano), Odeixeire (inauguração do novo CT, com a presença de Vítor Neto), Faro, Vila Real de Santo António, Albufeira (sessão no CT do Partido com Rogério de Carvalho), Aljezur (iniciativas nas freguesias de Odeixeire e Maria Vinagre), Silves (almoço de confraternização com Vítor Neto), Monte Gordo, Loulé (sessão com Rogério Brito), Portimão (sessão com V. Neto

na colectividade «Boa Esperança») e comício no canto livre em Vila Real de Santo António, com Rogério de Brito.

#### Lisboa

Embora o grande comício do Campo Pequeno tenha sido a principal iniciativa, o distrito de Lisboa assinalou no último fim-de-semana e nestes dias recentes numerosas iniciativas, nomeadamente sessões de cinema (3.ª Zona do CLL e Bancários), colóquios, almoços de confraternização (como por exemplo os do Sector da Saúde da ORL, de Paço de Arcos, Terceira e Linda-a-Velha) actividades desportivas (torneio de futebol da 2.ª Zona e outro organizado pelo CLL no campo do Magalhães Lima); sessão igualmente de referir a jornada que mobilizou cerca de 200 pessoas na Casa do Alentejo (trabalhadores dos hospitais psiquiátricos, amigos e familiares) e a inauguração do novo Centro de Trabalho do PCP de Montelavar.

#### Porto

Entre muitas outras iniciativas que no passado fim-de-semana e um pouco em todo o distrito mobilizaram milhares de pessoas, é de assinalar, por exemplo, o almoço e festa-convívio em Paredes (130 participantes); a passagem de um filme e diaporama com largas dezenas de pessoas em Boelhe; jornadas desportivas em Felgueiras (50 atletas), Rio Tinto e cidade do Porto; jantar-convívio em Marco de Canaveses com 55 pessoas; apresentação de filmes sobre o Partido e várias intervenções em Freixo (100 pessoas); e o almoço-festa na Louçada que reuniu uma centena de participantes.

### Sessão em Londres vincadamente internacionalista

Sessão com vincadas características internacionalistas foi, sem dúvida, aquela que recentemente se realizou em Londres, promovida pelo núcleo do PCP na capital britânica para comemorar os 60 anos do Partido.

Participaram 200 pessoas, num ambiente de alegria e animado ambiente. Registraram-se saudações e intervenções do PC da Grã-Bretanha, do "Tudeh" do Irão, da Juventude do Partido Popular Democrático do Afeganistão, PC do Iraque, PC da Grécia, PC Italiano, Congresso Nacional Africano. Participaram ainda exilados políticos chilenos e houve intervenções artísticas de iraquianos, gregos, iranianos, britânicos, sul-africanos e de José Jorge Letria.

Entre os presentes, encontravam-se também um elemento da CUT chilena e representantes da Embaixada do Vietnam.

No decorrer da sessão foi recebida uma mensagem de Joan Maynard, deputada e membro do Comité Executivo Nacional do Partido Trabalhista.

#### Santarém

Santarém festejou largamente o aniversário do PCP no último fim-de-semana. Registemos, entretanto, algumas das numerosas iniciativas realizadas. Em Fazendas de Almeirim, um almoço-convívio reuniu uma centena de pessoas; no Couço mais de 400 assistiram a uma sessão comemorativa, em que usou da

Na Academia Almadense realizou-se uma sessão em que também delegações do PS, do MDP e de organizações unitárias estiveram presentes. Interviu o camarada Joaquim Gomes, da Comissão Política do CC, e Secretariado do CC.

No Barreiro os foguetes rebentaram durante todo o dia. Os Penicheiros foram palco de extraordinária iniciativa intitulada «Cantar Barreiro Operário». Antecedida no Largo do Casal por actividades infantis e uma Festa Popular, o espectáculo evocou as grandes lutas do Barreiro na voz e nos instrumentos de diversos artistas.

Em Grândola, melhoramentos sensíveis no Centro de Trabalho, almoço comemorativo com 200 pessoas e passagem de diaporamas decorreram recentemente.

Enquanto na Moita, os camaradas Joaquim Gomes e Odete Santos, respectivamente em Sarilhos Pequenos e no Penteado, entrevistaram para muitos camaradas e amigos, no Montijo, aos foguetes seguiu-se o trabalho de arrumação e melhoramentos no CT, prosseguindo-se com o jogo de futebol entre Montijo e Sarilhos Grandes e almoço-convívio. No sábado, após a projecção de um filme, Aurélio Santos, do Comité Central, aludiu ao significado da data.

#### Viana do Castelo

Além de várias jornadas de convívio e provas desportivas no distrito, realizou-se em Viana do Castelo, no passado fim-de-semana, um comício-festa no Teatro Sá de Miranda, presidido pelo velho militante Orlando Manuel Gonçalves. Vários oradores, calorosamente aplaudidos pela numerosa assistência, referiram-se à acção do Partido nos vários sectores da vida do distrito.

Dias Lourenço, da Comissão Política do CC, sublinhou as tradições da organização do Partido em Viana, recordando os nomes dos camaradas Manuel Finza, assassinado pela PIDE, e José Costa Lima, morto no assalto ao Centro de Trabalho do PCP em Ponte de Lima, em 1975.

#### Viseu

No comício actuou o Rancho Folclórico da Meadela.

#### Vila Real

No distrito de Viseu, os 60 anos de vida e luta do PCP suscitaram largo entusiasmo em diversas iniciativas com assinalável participação popular.

Vejam-se algumas. Em Montemouraço da Beira houve atletismo juvenil; em Cinfães baile com cerca de 200 pessoas, jogo de futebol e almoço-convívio; convívio juvenil na Mortágua; almoço de confraternização no CT de Lamego; futebol em Tondela; jantar-convívio em S. João da Pesqueira; e um almoço de confraternização no restaurante da Feira de S. Mateus, em Viseu, com 80 pessoas, entre as quais vários dirigentes locais do PS, o velho democrata Álvaro Monteiro, jovens, autarcas, dirigentes locais do Partido e o camarada José Bernardino, do CC.

#### Trás-os-Montes

Os 60 anos de vida e luta do PCP também foram notícia nos distritos de Bragança e Vila Real, não só através das jornadas de inauguração de novos CTs (ver pag. 4), como também pelas iniciativas de carácter desportivo que ali ocorreram.

## Mensagens de todo o país

O 60.º aniversário do PCP é motivo de regozijo, desde logo, para os comunistas portugueses, mas não só: os trabalhadores em geral, todos os democratas e antifascistas, reconhecem de igual modo o alto significado destes sessenta anos de luta ao serviço do povo e da pátria. Centenas de saudações vindas de todos os pontos do país e também do estrangeiro (para além das enviadas pelos partidos irmãos, e que noutra local continuamos a divulgar), subscrevem por organizações do Partido e outras, têm sido recebidas no Comité Central. A elas começamos aqui a fazer referência, não nos permitindo o espaço ir além da simples indicação dos respectivos subscretores:

Associação das Organizações Regionais de Trás-os-Montes; Porto; Beira Litoral; Lisboa; Setúbal; Alentejo; e das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores.

Organismos de Direcção do Baixo Mondego; de Hotelaria e Turismo, do CLL; dos Bancários de Lisboa, do Sector dos Transportes da ORL; do Sector Portuário da ORL; dos Rodoviários; da 7.ª Zona do CLL; da 2.ª Zona do CLL; da 5.ª Zona do CLL; das Zonas Oriental e Ocidental do Concelho de Loures; da Zona L do Concelho da Sintra; da 5.ª Zona do CLL; dos PMES; da Célula da EPAL; das Pescas, da ORL; dos Escritórios, da ORL; dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Fabricado; da Direcção da ORL; do Sector Público; da Função Pública; dos Professores da ORL; dos Bancários, do Porto.

Comissões Distritais de Portalegre, Évora; Viseu; Beja.

Comissões Concelhias do Barreiro; Évora; Montemor-o-Novo; Coimbra; Grândola; Santo Tirso; Mértola; Ponte de Sor; Alameda; Setúbal; Oeiras; Azambuja; Torres; Vedras; Sesimbra; Sintra; Lourenço; Sobral de Monte Agraço; Cascais; Arruda dos Vinhos; Alcácer do Sal; Montemor-o-Velho.

Células da Siderurgia Nacional; Corame; Treliz; da Rádio, Companhia Europeia de Seguros; Mármores do Condado - Montelavar, Dyrup - Fábrica de Tintas de Sacavém, Portugal - Albarroque; Tabaqueira - Albarroque, Pardal Monteiro; da Casa Pia de Lisboa (trabalhadores comunistas, casapienses e amigos da Casa Pia); Supermercados Nuno Mendes e Expressos; Ministério das Finanças; Silves; Autois; SIPE; Covina; Balanças Portas; Fachina; Banco Totta & Açores; Banco Espírito Santo; União dos Bancos Portugueses; INATEL; Vários Centros de Propaganda Médica; CODIFAR; Hotelaria do Concelho de Cascais; Hospital dos Capuchos; Hospital Egas Moniz; Hospital de S. José; Laboratório Militar; Cooperativa Tépilma; Standard Elétrica; secretariado da célula da Soda Póvoa; Caixa Geral de Depósitos; Synres; Pastelaria Central da Beira; Hotel Ritz; Cooperativa Mercado do Povo; Hotel Tivoli; Mundirama; Guárdia; Magu; Sector Automóvel do Concelho de Setúbal (IMA, Renault, Movauto, Imperex, Tecnisado, Setubauto); secretariado da célula do Banco Fonsecaes & Burnay; Imprimarte; secretariado da Célula da FNMAI; Batista Russo; Centro de Formação Profissional - Venda Nova; Sorefame; Profafibr; Fábrica Portugal; OGFRE; Companhia de Seguros Portugal Previdente; Banco de Portugal; SIF/Laboratórios Azevedos; Gazina; Norma; Sovena; Shell Portuguesa; BP; Ford; Grupo J.J. Gonçalves; R.A.C. Representações Automóveis e Camiões; Banco Pinto & Sotto Mayor; Cimianto; Cimpor; Hospital de Santa Maria; Indústrias Pereira e Brito; H. Parry & Son; Cel-Can; Ministério da Educação e Ciência; dos Trabalhadores do Tráfego, Este e Conferentes; da Rodoviária Nacional; dos Trabalhadores da

Autarquia do Barreiro; Equipetal; CP/Barreiro; CDL - Central Distribuidora Livreira; Edições «Avante!»; Editorial Caminho; Pastelaria Mexicana; núcleo da Direcção-Geral dos Desportos; Mundet; Paramédicos da Organização de Saúde de Coimbra; Siemens de Lisboa; Secca; Vila Nova de Gaia; HC Ferreira; Sterling/Poilama; dos Trabalhadores da ORL; dos CEN; Laboratórios Santos; ITAU; Tranquilidade Seguros/EP; Agência Abreu; Montepio Geral/CEL; Reformados da Amadora; Tudor - Castanheira do Ribatejo; Lusite; Geiral; Pastelaria Primavera; células de empresa da freguesia de Belém (Companhia de Redes de Pesca, Hepeicudo e Bengala; Fabrica de Lã madas; Luex; Construções Mecânicas; Eugénio e Severino); Cavan; Crédito Predial Português; Quimigal - Lisboa; Carris; Metropolitan de Lisboa; Autocepo; ANA/EP; ACP; Transilva; EP; Trabalhadores da Célula do Hospital do Desterro.

I Assembleia da Organização da freguesia da Santa Maria dos Olivais; II Assembleia de Célula da Covina; Plenário de Militantes de Caneças; Plenário de Militantes de Terrugem - Sintra; Plenário de Militantes da Freguesia da Apeleção; Encontro de eleitos do PCP nas autarquias do concelho de Sintra; Encontro de eleitos do PCP nas autarquias do concelho da Amadora; Plenário de Militantes da Freguesia da V.F. da Xira.

Secretariado Nacional do MDP/CDE; URAPI; MURPI; Secretariado da Juventude Socialista de S. João, Penha de França e Alto do Pina; Secção da União de Bancos Portugueses do Partido Socialista; delegações em Portugal das agências «Neus Deutschland»; ADN e TV da RDA; trabalhadores comunistas portugueses de Hamburgo, região de Paris e Berlim; célula dos locutores da Rádio Moscovo; tradutores e estilistas da língua portuguesa a trabalharem em diversas organizações soviéticas; III Assembleia da Organização de Estudantes do PCP na União Soviética; Estudantes portugueses em Plovdiv (Bulgária); Organização de Estudantes Comunistas Portugueses na Bulgária; do Colectivo Pedagógico, da Organização do Komsomol e do Destacamento de Pioneiros «Gagarine», da Escola n.º 43 de Moscovo; do colectivo de Estudantes e colaboradores da Escola Técnico-Profissional n.º 47 de Moscovo; do Conselho do Clube Internacional da Amizade de Escola 899 de Moscovo; comunistas portugueses na Checoslováquia; célula do PCP em Geisingen; comunistas portugueses na Guiné-Bissau; comunistas portugueses da cidade de Colónia (RFA).

Núcleo de Pioneiros de Alcântara; Pioneiros do concelho de Alcôchete; Núcleo de Saúde e Engraciação; Núcleo dos Olivais; Pioneiros de Tondela; Pioneiros do distrito de Setúbal; Pioneiros da Branda.

SEMANA Internacional

4 Quarta-feira

O presidente Reagan, dos EUA, afirma que não se encontrará com o presidente soviético Leonidas Brejnev sem antes "proceder a consultas" com os aliados do seu país...

5 Quinta-feira

O primeiro-ministro do Canadá, Pierre Trudeau, condena a política do seu país a política de Ronald Reagan para El Salvador; entretanto e à semelhança do que vai acontecendo em todo o mundo, a hierarquia católica dos próprios EUA tomou posição semelhante...

6 Sexta-feira

A 35.ª Assembleia Geral da ONU aprova uma resolução pedindo ao Conselho de Segurança que decreta sanções económicas contra o regime racista da África do Sul...

7 Sábado

O senador Edward Kennedy condena a política da administração Reagan sobre El Salvador, afirmando que ela não serve os interesses nacionais dos EUA...

8 Domingo

O avião paquistanês sequestrado na passada quarta-feira parte de Cabul para Damasco, capital da Síria, levando 111 reféns a bordo...

9 Segunda-feira

Os professores franceses efectuam uma greve a nível nacional, lutando por reivindicações económicas e por um maior apoio financeiro do Estado para a Educação...

10 Terça-feira

O governo conservador da Inglaterra anuncia no Parlamento um orçamento em que aumenta substancialmente os impostos que recairão sobre os trabalhadores ao mesmo tempo que cria novos incentivos e facilidades aos capitalistas...

EFE Méride da Semana

Em 7 de Março de 1974 a República Democrática Alemã - RDA - e a República Federal da Alemanha - RFA - estabelecem relações diplomáticas a nível de embaixador; este facto veio coroar os persistentes esforços prosseguidos pela RDA no sentido de normalizar as relações entre os dois países...

Internacional

A política da Casa Branca para África Afinal quem apoia o terrorismo?

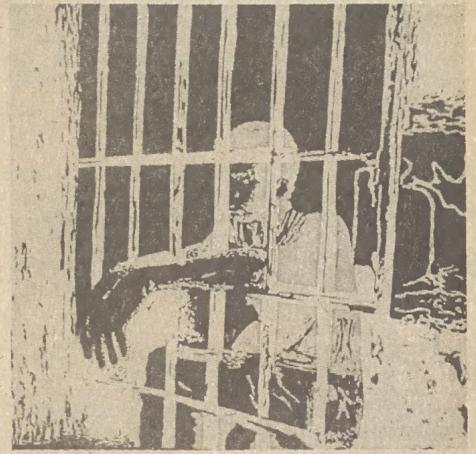
Jonas Savimbi, chefe do agrupamento terrorista UNITA, que actua em Angola, vai a Washington «prestar assistência à administração norte-americana na elaboração da sua política para a África do Sudoeste».

Na linha destas informações vêm as inequívocas declarações de Reagan, que qualificou a África do Sul de «país amigo» e de «aliado», de «importância vital para o mundo livre», afirmando ainda, no que já soa a ameaça, que «os Estados Unidos não abandonarão na desgraça a África do Sul, nosso aliado militar».

Além disso, o imperialismo não se fica naturalmente por palavras, a prática está de acordo com o que verbalmente é defendido. A Assembleia Geral da ONU aprovou há dias uma moção solicitando ao Conselho de Segurança que decreta sanções económicas obrigatórias contra o regime racista sul-africano.

investigação para detectar os responsáveis deste atentado, foram expulsos de Moçambique quatro diplomatas norte-americanos acusados de pertencerem à CIA tendo o ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, advertido que «a acção subversiva da CIA põe em causa as relações cordiais entre os dois países».

Assim, temos os Estados Unidos como apoio claro e expresso de governos e organizações que assentam a sua própria existência na prática terrorista. Algumas conclusões da Sessão da Comissão Internacional de Inquérito aos Crimes do Apartheid, que referimos acima, ajudam ao conhecimento do que é tal prática terrorista.



O "apartheid" mata! Quem apoia o "apartheid"?

setenta operações com unidades mecanizadas. Nestas e noutras operações, que envolvem penetração até mais de 150 quilómetros no interior das fronteiras, participam o exército sul-africano, lado a lado com mercenários de Inglaterra, França, RFA, Israel, Chile e bandos da organização contra-revolucionária UNITA.

Resistência à guerra "Porque é que nos batemos?"

A política terrorista do governo da África do Sul, atinge não só a Namíbia e os países progressistas da zona, como muito particularmente o próprio povo deste país.

Apresentamos um fragmento de uma carta aberta de um jovem do movimento «resistência à guerra», Peter Moll: «A nossa terra é uma terra plena de desigualdades no nível da riqueza, do poder e do ensino... É uma situação intrinsecamente injusta. Enquanto o governo não manifestar a sua intenção expressa de mudar esta situação, não poderemos, em consciência, defendê-la».

A revolta no interior da África do Sul assume também a forma de recusa a servir nas Forças Armadas, num verdadeiro movimento de resistência à guerra que ultimamente tem vindo a assumir maiores proporções. Em Abril de 1980, dos 420 detidos nas prisões militares, 383, ou seja mais de 90%, cumpriam penas por recusa a fazer o serviço militar.

Reagan actua como se fosse presidente de El Salvador

O espectro do Vietnam paira sobre El Salvador? Toda a política prosseguida pelos EUA aponta para aí. Entretanto, a solidariedade internacional, e mesmo a reacção de governos e dirigentes políticos de países da Europa capitalista e da América Latina, poderão criar obstáculos sérios a uma ingerência mais directa e dramática na batalha que se trava em Salvador.

colhido os frutos pretendidos, ou seja, o apoio à hipótese de uma intervenção mais intensificada ou mesmo directa. Na América Latina as coisas não correram melhor. O semanário argentino «Que Pasa», que reflecte a opinião dos comunistas argentinos, considerou mesmo a digressão do general norte-americano Vernon Walters, enviado do secretário de Estado Alexander Haig a alguns países da América Latina, como «a primeira grande derrota internacional do novo governo republicano».

No plano prático as coisas passam-se de forma bastante mais linear. O Pentágono estuda e apresenta novos planos de auxílio à Junta - com contos bem pouco social e económico - prevendo o fornecimento de importantes quantidades de armas e munições, helicópteros de combate e barcos de patrulha, num valor aproximado de 25-30 milhões de dólares, enquanto o jornal norte-americano «Washington Star» anuncia um segundo plano relativo ao envio de mais especialistas militares. Resta-nos a dúvida de saber se tudo isto se destina a implantar a reforma agrária ou a abrir portas a eleições democráticas...

A Comissão Político-Diplomática da Frente Democrática Revolucionária de El Salvador dá uma resposta esclarecedora a esta questão. «São os Estados Unidos, e não os governos que estes acusam - declara a Comissão Político-Diplomática da FDR - que estão realmente a intervir nos assuntos internos de El Salvador, e a ameaçar a paz no continente. A administração Reagan, consequentemente, carece de base moral para acusar outros governos de fornecer ajuda militar às Forças Populares salvadoreñas». Acrescenta: «A manobra do governo norte-americano (acusando países socialistas de apoio em armas aos patriotas) pretende, em primeiro lugar, justificar o seu apoio ao regime militar salvadoreño. Até agora justificaram-no e pediram-no internacionalmente invocando o pretensio carácter centrista e reformista da Junta salvadoreña. Esta justificação foi perdendo validade à medida que a sua política repressiva e antipopular se foi evidenciando à escala mundial. «Isso explica a mudança táctica que consiste em inventar um argumento diferente: o perigo do expansionismo soviético».

Movimento comunista

Comunistas búlgaros em vésperas do seu XII Congresso

O XII Congresso do PCB com início em 31 de Março deste ano, irá realizar-se numa situação internacional relativamente complicada, quando a paz e o desanuviamento na Europa e no mundo estão submetidos a uma prova séria. O Congresso mais uma vez confirmará a política consequente do Partido, orientada para a paz, o desanuviamento e a colaboração dinâmica nos Balcãs, na Europa e no mundo. Espera-se que ele trace a orientação para uma participação mais activa do partido na acção conjunta do movimento comunista internacional e, para a realização mais sistemática e construtiva do diálogo entre os partidos comunistas e operários.

na qual serão discutidas as questões dos seguintes temas principais: trabalho político-partidário, organizacional e ideológico; política económica; ciência, ensino, cultura; política externa e relações internacionais; órgãos estatais e organizações sociais. O trabalho por secções ampliará muitas vezes as discussões no Congresso.

Sindicalismo livre, independente, democrático...

«A única medida que aprovamos é o aumento do orçamento militar» - é uma declaração da AFL-CIO, central sindical norte-americana, a propósito do programa económico de Reagan. É preciso situarmos-nos para conseguir entender - não para aceitar, evidentemente - esta afirmação. Isto passa-se nos Estados Unidos da América. Onde a maior central, dita sindical, está instalada num edifício a 200 metros da Casa Branca e ciclicamente recolhe dinheiro para promover a candidatura de um dos futuros presidentes dos monopólios (de há muito, os democráticos). Quem o não sabe? - é «livre» e «democrático». Onde o movimento sindical de facto, nada tem a ver com defesa dos interesses dos trabalhadores. Onde, organizados em comités de base, trabalhadores lutam - apesar de todos os obstáculos - pelos seus direitos.



A questão política principal que será debatida pelo Congresso é o desenvolvimento e aperfeiçoamento posterior do sistema político da edificação de uma sociedade socialista amadurecida na Bulgária. O Congresso discutirá também vários problemas fundamentais do desenvolvimento económico: aplicação consequente do novo método económico e do novo mecanismo económico na

economia nacional e na esfera não material; elevação da produtividade do trabalho; aplicação rápida e eficaz dos resultados alcançados pela revolução técnico-científica e da experiência mundial; transformação do quinquénio seguinte num quinquénio de progresso técnico, de intelectualização do trabalho na República Popular da Bulgária; elevação da agricultura a um novo grau do seu desenvolvimento. O XII Congresso traçará medidas práticas importantes para a elevação posterior do bem-estar do povo. Para melhor satisfação das crescentes necessidades materiais e espirituais dos trabalhadores continuarão a desenvolver-se a produção de artigos de consumo, será melhorado o serviço comercial e os serviços públicos.

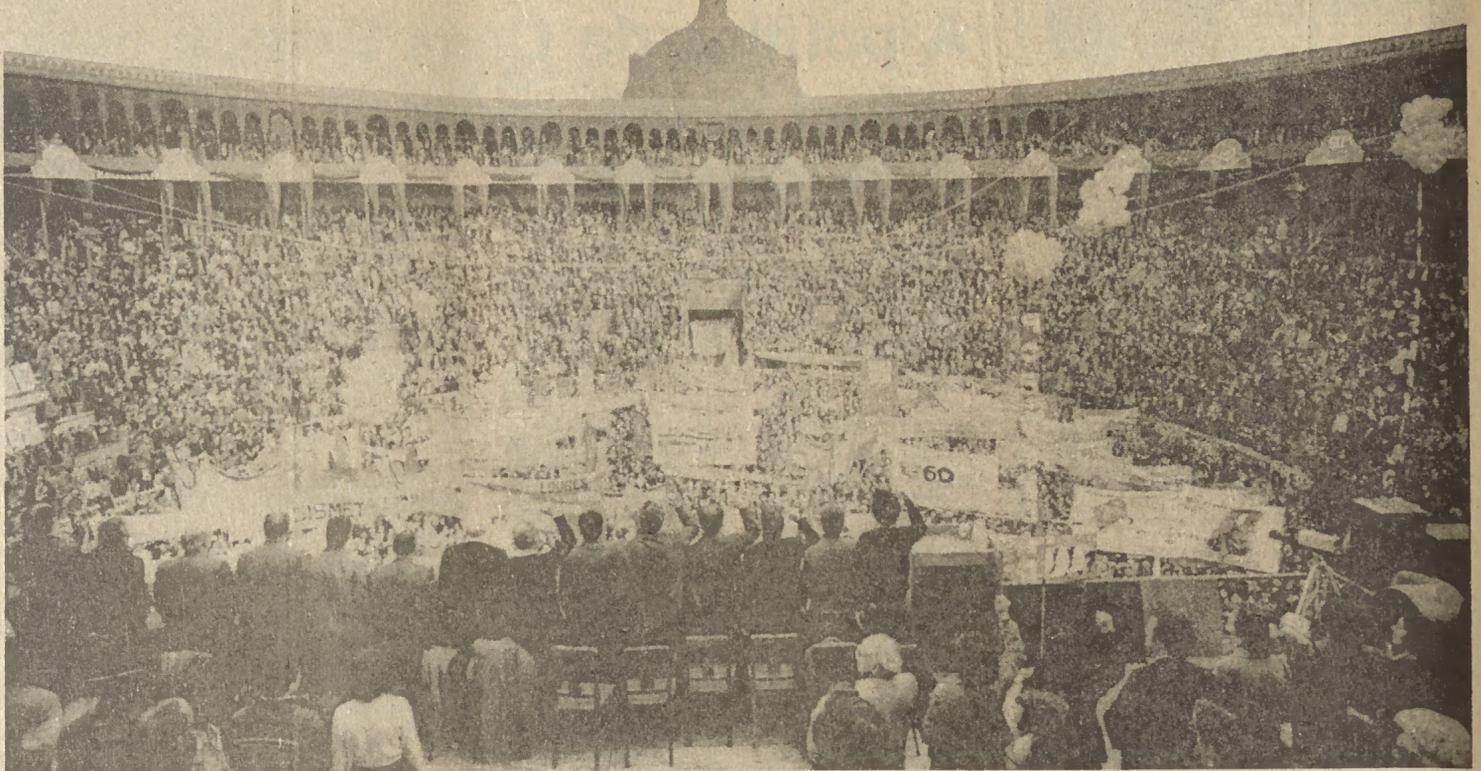
O PCP já encheu muitas vezes o Campo Pequeno. Melhor dizendo: o PCP enche sempre o Campo Pequeno quando nele faz desaguar qualquer iniciativa de massas. Fe-lo pela primeira vez em 28 de Junho de 1974 — ali levando “quarenta mil pessoas à chuva, ombro a ombro, mão na mão” no primeiro grande comício organizado pelo Partido no Portugal de Abril. Exaltante essa noite, como o foram outras noites e tardes de luta erguidas pelos comunistas na velha praça de touros, no fluir da Revolução de Abril, na fornalha do combate económico, social, político e ideológico que forjaria o Portugal livre e democrático.

Ali mesmo, onde o fascismo havia constituído a Legião Portuguesa para o combate anticomunista, realizaria o PCP o seu primeiro e grandioso comício em liberdade e muitos outros onde equacionaria dificuldades, apontaria objectivos, organizaria a luta, defenderia o processo democrático, consolidaria o Portugal de Abril. Ali mesmo e sempre mobilizando multidões a transbordar os limites físicos da velha praça.

Foi também ali que no passado sábado, dia 7 de Março, o Partido Comunista Português assinalou a solenidade e a força dum aniversário — o 60.º da sua fundação. Data marcante que abrange um povo inteiro em várias gerações no que de mais trágico, heróico e glorioso aconteceu na história recente deste velho País: a luta contra a mais longa ditadura fascista da Europa, o seu derrube, a construção dum novo Portugal, livre e democrático. Luta que teve sempre como vanguarda a determinação dos comunistas portugueses; derrube e construção que emergiu determinadamente da vontade, organização e combatividade da classe operária e a sua vanguarda organizada — o PCP.

Por isso o Comício do passado dia 7 não foi igual a muitos outros, apesar de semelhante ter sido em multidão, alegria, combatividade e força. Nele se ouviram como sempre os pedidos da mesa para que os camaradas “se apertassem” pois havia muito mais gente para entrar; nele se elevaram as canções, palavras de ordem e apelos à unidade antifascista que caracterizaram as realizações de massas do PCP; nele ainda vibrou mais uma vez o riso colorido de quem constrói o futuro pelas próprias mãos, e canta, e ri, e exige com a serenidade certa da “vitória que é difícil mas é nossa”.

Mas não foi um comício igual a muitos outros. Nem um aniversário circunstancial ou carregado de circunstância. Teve festa, sim, mas emocionantemente emoldurada pela massa de pioneiros efervescendo em cor e luz e risos numa larga fatia do anfiteatro, pela saudação da JCP logo em frente, erguida em mural gigantesco, e humano, e apaixonado como o é a juventude. Teve festa, sim, e fanfaras, e balões, e bandeiras, e festões, e cantigas, mas tudo agitado, tocado, cantado, vivido num encanto diferente, talvez mais vibrante, de certeza com outra emoção.



Um aspecto do comício comemorativo do 60.º aniversário do PCP, na Praça do Campo Pequeno

# 60 anos

# COMÍCIO

do serviço do Povo e da Pátria



PCP • 1921 • 1981

O Comício foi presidido pelo camarada José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, que deu a palavra aos diversos oradores. A mesa era constituída pelos camaradas Álvaro Cunhal, secretário-geral, António Dias Lourenço, António Gervásio, Carlos Brito, Dinis Miranda, Jaime Serra e José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, Blanqui Teixeira, Carlos Costa, Domingos Abrantes, Joaquim Gomes, Octávio Pato e Sérgio Vilarigues, da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, Ângelo Veloso, José Casanova e Raimundo Cabral, membros suplentes da Comissão Política do CC do PCP, e Jaime Félix, membro suplente do Secretariado do CC do PCP.

Igualmente na mesa tomaram lugar representantes de todas as DORS, da JCP, das Mulheres Comunistas, dos Pioneiros, das células da Setenave, Quimigal, CP, Carris, Sorefame e das UCPs Vitória do Sado e Aguiar, do organismo de pequenos e médios agricultores e os camaradas Francisco Miguel, Georgette Ferreira e Maria Alda Nogueira, do Comité Central, Manuel da Silva, Gertrudes Silva, Joaquim Campino, Oliver Bártolo e Rogério Ribeiro.

Assistiram ao Comício numerosos convidados, entre os quais José Ernesto Cartaxo da CGTP-IN, Helena Cidade Moura, do MDP/CDE, Teófilo Carvalho dos Santos, do PS, Ruy Luís Gomes e Virginia Moura, um representante da JS, Cunha Leal, da ASDI, José Magalhães Godinho, ex-Provedor de Justiça, o general Vasco Gonçalves, o almirante Rosa Coutinho, Maria Lamas, o coronel Varela Gomes e Eugénia Varela Gomes, os advogados Goucha Soares e Levy Baptista, Alcina Basto, o médico Caria Mendes, os jornalistas Fernando Piteira Santos, Augusto de Carvalho, Veiga Pereira e Silva Pinto.

Momento particularmente emocionante foi o que antecedeu o discurso do camarada Álvaro Cunhal, quando José Vitoriano leu a longa lista dos comunistas assassinados ou mortos antes e depois do 25 de Abril. A leitura foi acompanhada por uma marcha fúnebre tocada ao órgão pelo maestro Pedro Osório e ouvida de pé, em silêncio, pelas dezenas de milhares de pessoas presentes, a maior parte das quais cerrou o punho, mantendo-o erguido durante toda a leitura, à qual se seguiu um minuto de silêncio. Finda a cerimónia um imenso clamor irrompeu da multidão: “fascismo nunca mais!”

Esta cerimónia surgiu no final das seis primeiras intervenções do Comício, cada uma delas emergindo de uma etapa, de uma frente de luta, de uma esfera de acção da vida do PCP e ao longo da sua existência e actividade. O passado e o presente fluíam na tarde em caudal impetuoso, testemunhando com a simplicidade da viva voz a trajectória, objectivos, influência a grandeza de um Partido que é de massas, revolucionário e profundamente enraizado na vida e anseios do Povo português. Desses discursos damos notícia num outro local desta edição.

O Comício encerrou com o hino cantado por todos os presentes, tal como em todos os comícios ali realizados pelo PCP, mas desta vez culminando uma jornada onde a história do Partido, indelevelmente associada à história do Povo português, encheria de maneira diferente a velha praça do Campo Pequeno.

Antecedendo a intervenção do camarada Álvaro Cunhal usaram da palavra seus camaradas, que levaram à tribuna voz e a presença de diversas organizações do PCP, falando na luta travada ao longo destes 60 anos, do esforço de organização, de criatividade dos comunistas perante as tarefas que se colocam neste tempo em que sucessivos governos reaccionários têm procurado liquidar as conquistas da Revolução e o próprio regime democrático. Elevando à tribuna, também, a determinação na luta do PCP e a confiança no futuro de todos os comunistas.

**Maria Augusta dos Reis Santos, dos Pioneiros de Portugal,** iniciaria a série de intervenções com uma saudação ao PCP e aos seus 60 anos de luta bem sintetizada nesta frase: «Queremos desejar ao Partido Comunista Português, de todo o nosso coração, os melhores sucessos na sua luta pelo futuro de todas as crianças, que é o futuro do nosso Portugal».

Seguiu-se o camarada **Henrique Neves,** que em nome da Comissão Central da Juventude Comunista Portuguesa (JCP) deliniria o PCP como o Partido da Juventude e do Futuro pela sua resistência à longa ditadura fascista, pela tenaz denúncia que fez do carácter criminoso da guerra colonial que dizimou milhares de jovens, porque sempre actuou para a mobilização e organização dos jovens, trabalhadores e estudantes, comunistas, democratas e antifascistas; «sob a sua orientação, direcção e influência surgiram e desenvolveram-se a Federação das Juventudes Comunistas e diversas organizações e movimentos unitários juvenis, com particular destaque para o MUD-Juvenil, onde iniciaram a sua militância revolucionária camaradas que hoje são destacados militantes e dirigentes do nosso Partido».

Depois de sublinhar a importância da acção do PCP em todo o processo conducente ao 25 de Abril e à queda do fascismo e ainda na defesa do regime democrático e consolidação das conquistas da Revolução, o camarada Henrique Neves realçaria o papel da JCP como vanguarda do movimento juvenil português, (o que se deve à correcta definição da orientação política geral do PCP) e as importantes iniciativas que a JCP impulsionará no decorrer deste ano.

**Maria Luísa Salsinha,** trabalhadora agrícola da UCP de Aguiar, de Viana do Alentejo, traria a Reforma Agrária para a grande tribuna do Povo português que foi o Campo Pequeno no passado sábado. Afirmou ela: «Não podemos festejar o 60.º aniversário do nosso Partido sem falarmos dessa histórica conquista de Abril que é a Reforma Agrária. Milhares de trabalhadores alentejanos chamam ao PCP o Partido da Reforma Agrária. É verdade, camaradas!»

«Ao longo de dezenas de anos de fascismo foi o PCP que, nos campos do Alentejo e Ribatejo, esteve junto dos trabalhadores agrícolas, organizando-os para a luta contra a repressão, contra o desemprego, pelas 8 horas de trabalho, contra a fome e a miséria, elevando a sua consciência de classe, a sua combatividade e a sua capacidade de organização. Podemos afirmar, camaradas, que estas foram condições indispensáveis para que, conquistada a liberdade com o 25 de Abril, a Reforma Agrária se tenha tomado uma das mais belas conquistas da Revolução Portuguesa».

«Só para ter a honra e a alegria...»

Foi assim que o camarada **Oliver Bártolo,** um dos fundadores nos anos 30 da Organização Revolucionária da Armada (ORA) do PCP, começou a sua intervenção: «Só para ter a honra e alegria de estar convosco nesta festa do 60.º aniversário do nosso Partido, juro-vos que mereceu a pena a marcha que completa 50 anos em Julho».

«... E porquê, amigos e camaradas? Porque o nosso Partido é um partido cujas raízes mergulham na carne do povo, um

partido que sofre com as suas dores e ri e canta com as suas alegrias. Enquanto a direita transporta em si todas as traíções cometidas pelos senhores fidalgos e não só, o Partido Comunista Português é o legítimo herdeiro das melhores tradições de luta do nosso povo, pela independência, pelo progresso, desde os princípios da nacionalidade.

«Eles estão em Castelo em 1383, nós estamos com o Mestre de Avis, eles foram a Almeirim vender-nos ao rei de Espanha, nós combatemos em Alcântara em 1580, nas ruas de Évora em 1637, e por todo o país em 1640, pela independência pátria.

«Estamos com Gomes Freire em 1817, com os patriotas de 31 de Janeiro contra o último inglês, com a República em 1910, contra uma monarquia podre e sem respeito pela dignidade do povo português!»

«E, camaradas, depois de 1926, enquanto uns desistem e se apagam, e outros se passam para os fascistas, nós e o que de honestamente democrático cresceu no Povo, continuámos uma luta de meio século nas piores condições, sempre mostrando que nada nos abateria.

«Com essa luta e com os capitães de Abril a quem daqui saído, enterrámos o fascismo! Para sempre, amigos, para sempre!»

«Na Organização Revolucionária da Armada a que pertencemos sentimos bem o que vale estar ligado a um Partido como o nosso. Como nasceu e fortaleceu essa bela Organização! Como se viu também nela a força juvenil que o Partido imana!

«(...) Quando foram presos umas dezenas de marinheiros e o secretariado da ORA, em 1935, logo o governo afirmou ter destruído a Organização. Mas o que é do Povo é indestrutível. Em 8 de Setembro de 1936 os marinheiros da ORA revoltaram-se, mostrando, por solidariedade com o povo espanhol, não pactuar com o saiaziarismo e continuar a bela tradição de luta do seu povo!»

«(...) Ainda no Farral para onde fomos deportados em Outubro de 1936, tivemos ocasião de ver quanto vale sermos comunistas e estamos

organizados. (...) Fortalecemos-nos com os ensinamentos e exemplos dos mais antigos, conhecendo as lutas heróicas dos operários e camponeses portugueses; com a solidariedade que estabelecemos; com a coesão da organização partidária e a unidade com outras forças políticas.

«(...) Foi assim que nos temperámos e assim temperaremos todos como o aço. O Partido precisa continuar a conduzir o povo português na sua caminhada heróica para o socialismo e comunismo!».

### «Classe operária, nervo fundamental»

Em seguida falou o camarada **Aranha Figueiredo,** operário da Setenave e membro do CC do PCP, que sublinharia que «a classe operária portuguesa cresceu e tomou consciência, organizou-se e tem actuado sob a direcção do Partido Comunista Português contra a exploração e opressão, resistindo ao fascismo, ao colonialismo, lutando pela liberdade e independência nacional. Nervo fundamental da luta que conduzia ao derrubamento do regime fascista, a classe operária portuguesa, dirigida pelo seu Partido, tem estado também na primeira linha de todas as frentes onde se luta e trabalha pelas profundas transformações democráticas, pelas profundas transformações económicas empreendidas depois de 25 de Abril».

Após realçar a importância das nacionalizações no Portugal de Abril e os ataques que entretanto elas têm sofrido vindos de adversários de vários matizes, o camarada Aranha Figueiredo recordaria que os trabalhadores esclarecidos enfrentaram com coragem o debate ideológico necessário. «Começamos a demonstrar que as nacionalizações realizadas em Portugal não tiveram como fim salvar o capitalismo, mas, resultado da luta do povo, constituíram uma conquista revolucionária que, destruindo o poder dos monopólios, tomou o sector nacionalizado a base fundamental da nossa economia, a base fundamental do arranque da recuperação económica do País, ao serviço dos interesses dos portugueses e não da meia dúzia de famílias, como até então acontecia. É nesta perspectiva que a Constituição as consagra. É essa a exigência dos trabalhadores».

Enumeraria ainda alguns dos aspectos característicos da ofensiva governamental contra as conquistas dos trabalhadores, exigindo a demissão do governo reaccionário da «AD» e a criação de condições para a formação de um governo democrático, concluindo que como grande Partido que somos, com os nossos 60 anos de experiência, bateremos a reacção e continuaremos Abril.

Finalmente interviu o camarada **Rogério Ribeiro,** intelectual comunista, que recordaria que «os intelectuais comunistas são uma força enraizada nas nossas fileiras desde o início da vida do Partido. São uma força temperada nas lutas populares, que tem honrado o Partido e Portugal», acrescentando que após o 25 de Abril os intelectuais comunistas se lançaram, ao lado do Povo, na luta para construir o Portugal democrático, multiplicando-se «as acções de ajuda, intervenção e criatividade revolucionárias, quer no plano partidário quer nas tarefas gerais de dinamização cultural que alteraram radicalmente a face do nosso País». Quer na frente sindical, organizações de trabalhadores, escolas, imprensa, artes e letras, quer enfim «nas lutas nacionais em defesa das grandes conquistas de Abril, pela transformação do homem, pelo socialismo, aí ainda está presente, dando o seu contributo, o trabalho dos intelectuais comunistas», concluía.



Henrique Neves, membro da Comissão Central da JCP



Maria Luísa Salsinha, trabalhadora da UCP de Aguiar



Oliver Bártolo, um dos fundadores da ORA



Aranha Figueiredo, operário, membro do CC



Rogério Ribeiro, intelectual comunista



Affluíram ao comício comemorativo do 60.º aniversário do PCP inúmeras ofertas de camaradas e organizações do Partido de que damos uma breve listagem. Assim foram recebidas e apresentadas na tribuna ofertas dos Pioneiros de Lisboa e Olivais, das células da Catedral J.M. Sobral, de Monte Agrícola, freguesia do Lumiar, EDP da ORL, freguesia da Pena, Serviços Municipalizados de Almada, Ar Líquido, UTIC, Cooperativa Limpá, Sorel, Mague, Ferroviários da ORL, JJ Gonçalves/Escretores da CLL, FMBP,

Sorefame, Batista Russo, Carris, Cooperativa Resistência, Fábrica de Loipa do Sacavém, Fábrica Nacional de Munições e Armas Ligeiras, Tudor, Polítama, Olivais, Alvalade, S. João de Brito, Encarnação, das Comissões Concelhias de Almada, Torres Vedras, Oelvas e Sesimbra, da 6.ª zona da CLL, do organismo dos Gráficos do CLL, do Sector Intelectual da ORL, da Organização Concelhia de Alcochete, da freguesia de Montelavar, da Comissão de Freguesia de Vila Franca de Xira, das Mulheres de

Alhandra, da Comissão Local do PCP do Forte da Casa. Foi ainda recebido um donativo de 5000\$00.

Tanto a cooperativa Teplima como a célula da Covina linham prendas que devido ao seu volume e peso não puderam ser transportadas para a mesa do comício. A célula de Hotelaria e Turismo do CLL e a Comissão de Freguesia do Barreiro ofereceram bolos e a Comissão de Freguesia de Belas e a célula do Hospital de D. Estefânia levaram flores.

# SUPLEMENTO

 **Avante!**

## Intervenção de Álvaro Cunhal no comício comemorativo do 60º aniversário do PCP

*Campo Pequeno, Lisboa, 7 de Março de 1981*



Camaradas:

Estamos hoje aqui reunidos para comemorar um grande acontecimento: a fundação do Partido Comunista Português. Grande acontecimento para nós, comunistas, porque se trata do nosso Partido. Grande acontecimento para a classe operária, para o Povo português, para Portugal, porque é inteiramente justa a consigna que escolhemos para este nosso aniversário: «60 anos de luta ao serviço do Povo e da Pátria».

6 de Março de 1921 foi já há anos a data escolhida como sendo da fundação do Partido.

Na altura admitiu-se poder ser escolhido o dia 28 de Dezembro de 1920, data em que uma Comissão Organizadora escolheu o nome «Partido Comunista Português» para o novo partido a criar e aprovou o seu programa político. Ou 1 de Março de 1921, data da aprovação das bases orgânicas do Partido.

Optou-se por 6 de Março de 1921, dia em que, na sede da Associação dos Empregados de Escritório de Lisboa, na Rua da Madalena, 225-1.º, se realizou uma Assembleia de comunistas à qual uma Comissão Organizadora deu conta dos seus trabalhos e onde foram eleitos os primeiros órgãos dirigentes do Partido.

Foi o início duma longa caminhada marcada pela luta heróica de milhares e milhares de homens, mulheres e jovens que, ao longo dos anos, sobrepuseram os interesses gerais aos seus interesses pessoais, que deram a sua vida, o seu trabalho, a sua inteligência, o seu sangue, para que o Povo português se libertasse da opressão e da exploração e alcançasse uma vida melhor, para que a Pátria portuguesa alcançasse uma verdadeira independência.

Fazendo o balanço dos resultados de 60 anos de actividade, temos de afirmar que a luta do nosso Partido foi determinante na defesa dos interesses vitais do povo e da Pátria portuguesa e foi um factor essencial para a criação de condições para o derrubamento do fascismo, para a conquista da liberdade e para outras transformações democráticas da Revolução de Abril que correspondem às mais profundas aspirações e necessidades do povo e do País.

Valeu e vale a pena lutar. O trabalho esforçado e os pesados sacrifícios não foram em vão.

O PCP prosseguirá o caminho glorioso iniciado há 60 anos, no dia 6 de Março de 1921.



## 1

## 60 anos de luta

Ao longo de 60 anos, o nosso Partido lutou em três situações políticas nacionais completamente diferentes. Cinco anos, de 1921 a 1926, no regime republicano instaurado em 5 de Outubro. Quarenta e oito anos, de 1926 a 1974, nas condições da ditadura fascista. Sete anos, de 1974 a 1981, no Portugal de Abril.

Iniciando a sua actividade em 1921, funda-se no mesmo ano «O Comunista» primeiro órgão do Partido. Realiza-se o 1.º Congresso em 1923. Conduzem-se lutas, ganham-se posições em sindicatos.

Os progressos não foram e certo então rápidos e seguros. Quando do golpe militar de 28 de Maio de 1926, que liquidou o regime democrático, o Partido, que estava a realizar o seu 2.º Congresso, não estava em condições de organizar a resistência. Mas as sementes então lançadas viviam a dar os seus frutos.

Ao comemorarmos 60 anos de existência e de luta do Partido, aqui prestamos homenagem aos seus fundadores e a todos aqueles que deram os primeiros e difíceis passos para a criação dum partido revolucionário da classe operária, vanguarda da classe e das massas, definindo como objectivo fundamental do seu programa a liquidação da exploração do homem pelo homem e a construção do socialismo e do comunismo — assentando assim as primeiras pedras do grande partido de massas, que, 60 anos passados, somos no presente.

Na negra noite fascista que tombou sobre Portugal, a organização e a actividade clandestinas do Partido iniciam-se verdadeiramente com a Conferência de 21 de Abril de 1929.

Dão-se novos e importantes passos. Em 1931 é publicado o primeiro número do «Avante!» que inicia assim a sua heróica caminhada. Funda-se «O Militante». As Juventudes Comunistas desenvolvem intensa actividade. É criada a primeira Comissão Intersindical. São criadas organizações revolucionárias na Armada (ORA) e no Exército (ORE). Formam-se e desenvolvem-se organizações unitárias. O Partido alarga a sua influência. No dia 18 de Janeiro de 1934, a classe operária levanta-se contra a fascização dos sindicatos, tendo particular relevo a greve na Marinha Grande que tomou um carácter insurreccional. Apesar da prisão do Secretariado do Partido em Novembro de 1935, a actividade do Partido continua corajosamente. Em Setembro de 1936, tem lugar a revolta dos marinheiros, que tomam conta de dois navios de guerra. O «Avante!» consegue o prodígio de durante dois anos se publicar semanalmente. Depois a repressão atingiu fortemente os quadros do Partido e obrigou a uma redução da actividade.

Ao comemorarmos 60 anos de existência do Partido, aqui prestamos homenagem àqueles que conduziram a luta neste difícil período de completa fascização do Estado, organizando as bases da organização e actividade clandestinas.

Prestamos homenagem a Bento Gonçalves; cujo papel foi decisivo na reorganização de 1929, secretário-geral do Partido, morto no Tarrafal em 1942, grande exemplo de dirigente operário, insuperável na sua profissão de tomeiro-mecânico, revolucionário de grande talento político, dirigente modesto, generoso e de elevada compreensão humana.

Prestamos homenagem a todos os outros camaradas de então, entre os quais militantes clandestinos e heróicos marinheiros da revolta de Setembro de 1936, dos quais alguns sobreviventes participam hoje aqui neste nosso comício, para alegria de todos nós.

Foi porém a partir da reorganização de 1940-41 que o Partido se tomou um grande partido nacional, cuja actividade regular (de organização, de imprensa, de trabalho de massas) não mais será interrompida.

Da reorganização até ao 25 de Abril, são 38 anos marcados internacionalmente pela 2.ª Guerra Mundial e pelo apogeu do fascismo na Europa, pela derrota hitleriana e a vitória da URSS e dos Aliados, pelo agravamento da crise geral do capitalismo, por novas revoluções socialistas vitoriosas, pela derrocada do sistema colonial.

São 33 anos marcados no plano interno por um grande ascenso, embora irregular, do movimento operário e democrático, por grandes e heróicas lutas dos trabalhadores contra o fascismo, por uma ininterrupta acção política, pela resistência activa contra a guerra colonial, pelo desenvolvimento da luta revolucionária provocando a crise e depois a agonia do regime fascista.

Não podemos aqui fazer a história desses 33 anos de luta nas condições do terror fascista. Apenas referiremos alguns marcos cruciais.

**Grandes greves**, como as de 1942/43/44 cujo papel foi essencial para o desenvolvimento e a tomada definitiva pela classe operária da vanguarda efectiva do movimento antifascista. As de 1958 após a burla eleitoral desse ano. As de 1961-62 que culminaram com a conquista das 8 horas de trabalho pelos trabalhadores agrícolas alentejanos.

**Manifestações de rua**, designadamente as da Vitória em 1945, as realizadas nas campanhas eleitorais, e as do 1.º de Maio que chegaram a atingir a participação de dezenas de milhar e até de mais de 100 000 pessoas.

**Grandes campanhas políticas** no terreno das mascaradas eleitorais para a Presidência (Norton de Matos, Ruy Luís Gomes, Arlindo Vicente, Humberto Delgado) e para a Assembleia Nacional fascista. Conquista de poderosas posições nos sindicatos e nas empresas. Criação de grandes movimentos antifascistas unitários de carácter legal ou semilegal como o MUNAF, o MUD, o MUD-Juvenil, o MND, a FPLN, as CDE, o Movimento da Paz, os Movimentos das Mulheres. Luta heróica dos jovens comunistas. Resistência à guerra colonial.

Reforço interno do Partido em todos os aspectos da sua actividade (a que adiante faremos ainda referência) e aprofundamento das suas raízes na classe operária e nas massas populares.

Aqui prestamos homenagem a todos aqueles que, em 33 anos de luta heróica, após a reorganização de 1940-41, abriram caminho à vitória do 25 de Abril de 1974.

Alguns grandes militantes deste período, como José Gregório, Militão Ribeiro, Alfredo Dinis, Manuel Rodrigues da Silva, José Moreira, Soeiro Pereira Gomes, e outros ficaram pelo caminho.

Mas, ao mesmo tempo que homenageamos os mortos, temos razões para expressar a nossa alegria pelo facto de grande número dos camaradas que há 40 anos dirigiram e participaram na reorganização de 1940-41 e asseguraram a direcção e o trabalho do Partido, embora na sua maior parte tenham sido presos, torturados e condenados a longos anos de prisão, continuam vivos e a trabalhar, muitos deles na nossa direcção central, muitos deles aqui connosco neste comício.

Constituem uma «velha guarda», sólida, temperada em duras provas, de cujos exemplos o nosso Partido se orgulha e que hoje se integram no grande colectivo de direcção e no grande colectivo partidário — colectivos enriquecidos com novos militantes e com novos dirigentes, com quadros jovens e jovens quadros formados e caldeados nas lutas heróicas da Revolução portuguesa, nas lutas heróicas do Portugal de Abril.

25 de Abril. O levantamento popular sucedendo ao levantamento dos capitães, a aliança Povo-MFA, a intervenção do Partido à frente da classe operária e das massas populares, a extraordinária mobilização revolucionária, a conquista e definição das liberdades,

o controlo operário, as nacionalizações, a Reforma Agrária, as lutas contínuas e heróicas do povo, o poderoso movimento sindical unitário em torno da CGTP-Intersindical, as greves, as manifestações, as acções de resistência, a solução directa dos problemas, o trabalho criador, as campanhas eleitorais e as eleições, e, na vida interna do Partido, a nova estruturação, o partido clandestino que se transforma num partido de massas, três Congressos, Conferências Nacionais, Assembleias de Organização, Plenários, Encontros, as festas do «Avante!», festas regionais, abertura de centenas de Centros de Trabalho, campanhas de recrutamento e campanhas de fundos, todo um trabalho intenso e entusiástico do Partido acompanhado pela UJC e UEC, agora unificadas na JCP, na batalha pela construção da democracia portuguesa rumo ao socialismo.

Ao comemorarmos os 60 anos de existência e de luta do nosso Partido aqui saudamos todos os camaradas que participaram no processo revolucionário, no combate à reacção, na defesa das conquistas de Abril.

Aqui saudamos os milhares e milhares de camaradas que vieram ao Partido com a Revolução, que trazem ao Partido novas energias, novas experiências, novos entusiasmos, e que têm participação determinante na construção deste grandioso partido que hoje somos — aberto para a vida, seiva das aspirações populares, presente e activo em todos os sectores da vida nacional, partido cuja acção é decisiva e determinante para a defesa, consolidação e prosseguimento do regime democrático — que o povo alcançou com a sua luta, os seus sacrifícios e o sangue dos seus filhos e que está firmemente decidido a defender e a continuar.

## 2

### Antes e depois do 25 de Abril — uma única história

Por vezes manifesta-se a tendência para considerar que a única época heróica da vida e da luta do nosso Partido, foi a época da clandestinidade.

Sem dúvida, camaradas, que todos sentimos legítimo orgulho desses anos de actividade. Da capacidade que o nosso Partido teve, não só para resistir à repressão e sobreviver a ela, mas para se organizar na clandestinidade e para, na clandestinidade, conduzir a luta da classe operária e das massas populares e ser a força motora essencial do movimento democrático e de toda a resistência antifascista.

Todos sentimos orgulho pelo facto de o nosso Partido ter conseguido manter sempre no interior o seu trabalho directivo e um forte núcleo de homens e mulheres inteiramente dedicados à luta quotidiana. Ter instalado e mantido as suas tipografias clandestinas, apesar de a PIDE e todas as autoridades empregarem recursos imensos para as descobrir. Ter conseguido editar sempre no interior do País, a sua imprensa clandestina na qual brilha como estrela maior o órgão central do Partido, o glorioso «Avante!» fundado em 1931, publicado praticamente sem interrupção durante 33 anos — desde 1941 ao 25 de Abril de 1974 —, e que comemorou há dias o seu 50.º aniversário. Ter realizado quatro congressos na clandestinidade. Ter conseguido organizar aparelhos técnicos que lhe permitiam fazer sair e entrar a fronteira muitas centenas de militantes, registando apenas ao longo de dezenas de anos uma única prisão.

Todos sentimos orgulho das mil e umas provas de dedicação sem limites de bravura, de estoicismo dadas por milhares de comunistas ao longo dos anos da luta clandestina.

Todos sentimos orgulho da contribuição decisiva que o nosso Partido deu para abalar até aos alicerces o regime fascista, para organizar e desencadear a luta do nosso povo, para criar condições objectivas e subjectivas que tomaram possível o heróico levantamento do Movimento das Forças Armadas e a sua vitória histórica em 25 de Abril de 1974.

Mas, se os 48 anos de clandestinidade constituíram uma época heróica na actividade do nosso Partido, **não menos heróica** tem sido a luta do nosso Partido e dos seus militantes depois do 25 de Abril, na Revolução portuguesa, nesta época gloriosa na história do nosso Povo e do nosso País.

Todos sentimos justo orgulho na contribuição determinante que o nosso Partido deu para o levantamento popular que se sucedeu imediatamente ao levantamento militar de 25 de Abril.

Todos sentimos orgulho na contribuição determinante dada pelo nosso Partido e pelos seus militantes para levar por diante a revolução democrática, para defender as liberdades instauradas e a jovem democracia das sucessivas tentativas de golpe, designadamente em Julho de 1974, no 28 de Setembro de 1974 e no 11 de Março de 1975.

Todos sentimos orgulho na contribuição determinante dada pelo nosso Partido para que fossem alcançadas as grandes vitórias e as grandes conquistas da revolução, designadamente as liberdades, o fim da guerra colonial, a instauração do controlo operário, as nacionalizações, a Reforma Agrária.

Nós aqui prestamos homenagem à luta heróica dos nossos camaradas, que, à frente da classe operária e das massas populares, cortaram o passo à reacção, arrancaram aos fascistas os grandes órgãos de comunicação social, estabeleceram o controlo dos trabalhadores em grande parte da economia, tomaram nas suas mãos a gestão de centenas de empresas sabotadas e abandonadas pelo patronato reaccionário, impulsionaram o processo que conduziu às nacionalizações, ocuparam terras abandonadas dos latifúndios e, num trabalho de gigantes, as desbravaram, as fizeram dar pão, dando início à mais bela conquista da revolução, a essa epopeia histórica que é a Reforma Agrária nos campos alentejanos e ribatejanos.

A luta do Partido no tempo do fascismo está escrita em letras de ouro na história do nosso Partido e do nosso Povo. Mas também em letras de ouro está escrita a luta do nosso Partido na Revolução portuguesa, na luta complexa e difícil que travamos nos 7 anos decorridos desde o 25 de Abril.

A acção do nosso Partido na Revolução portuguesa é a afirmação na vida de que toda a longa batalha e os sacrifícios na clandestinidade não foram em vão.

O Partido propõe-se, com a classe operária e seus aliados, com as massas trabalhadoras, não apenas marcar uma posição de protesto contra a exploração e opressão, mas transformar a sociedade portuguesa.

Com a Revolução portuguesa, o PCP afirmou o seu papel determinante nas transformações democráticas que abriram ao Povo português o caminho da justiça e do progresso social e à democracia portuguesa a perspectiva do socialismo, — que as forças nacionais e conservadoras procuram destruir, mas que os trabalhadores portugueses, com o seu Partido, mantêm como programa e procurarão assegurar.

## 3

## Partido da classe operária vanguarda inseparável das massas

Em toda a sua história, o PCP manteve-se sempre como Partido e a vanguarda revolucionária da classe operária portuguesa.

A evolução mundial não alterou o facto de que o proletariado é a classe «verdadeiramente revolucionária», à qual cabe o papel histórico de pôr fim ao capitalismo e de criar e construir a sociedade socialista.

Ao longo dos 60 anos da sua história, o Partido bebeu a sua inspiração revolucionária, a sua capacidade de organização, a sua combatividade, através das suas raízes proletárias.

Se examinarmos a história do Partido verificamos uma íntima relação entre as lutas da classe operária e o progresso orgânico do Partido.

Foi assim depois da reorganização de 1929.

Foi assim nos anos 1942/49 em que grandes greves foram factor decisivo para a transformação do Partido num grande partido nacional, que se tomou a indiscutível força determinante e motora de toda a resistência antifascista, de todo o movimento democrático.

Foi assim nos anos 50. Foi assim no período da crise geral do regime fascista nos anos 1960/67. Foi assim no período de agonia da ditadura nos anos 1968/73.

Nenhum outro partido existente à data do golpe militar de 28 de Maio de 1926 resistiu à repressão. Todos desapareceram de uma vez para sempre da cena política portuguesa. O velho Partido Socialista (do qual o actual Partido Socialista se afirma continuador, mas com o qual não tem qualquer laço de continuidade histórica ou orgânica) decidiu a sua autodissolução em 1933. Só o nosso Partido foi excepção.

E foi excepção, porque a par da capacidade para criar um núcleo revolucionário organizado, conseguiu em tais condições estabelecer, encontrar e desenvolver estreita ligação com a classe operária e as massas populares, informando-as, orientando-as, organizando-as, conduzindo constantemente, dia a dia, a sua luta.

Essa ligação com a classe e as massas, não só é a própria substância da actividade do Partido, como está na raiz da capacidade do Partido se defender, sobreviver, se desenvolver e engrandecer nas condições de clandestinidade.

Também depois do 25 de Abril, a ligação indissolúvel com a classe operária e com as massas trabalhadoras, continua a ser a raiz fundamental da força, da capacidade, da firmeza, da influência, da confiança no futuro do PCP.



Creio, camaradas, que todos nós sentimos profundamente satisfeitos pela certeza que temos em que o PCP continuará a sua natureza e a sua política de classe.

Isto não significa que a classe operária com o seu Partido se limitem a defender os seus próprios interesses de classe. Conforme com um ensinamento dos mestres do comunismo, a classe operária só se afirma verdadeiramente como vanguarda quando toma a defesa dos interesses de todas as outras classes e camadas exploradas, das forças sociais que são seus aliados numa dada etapa da revolução.

O PCP, ao longo da sua história, antes e depois do 25 de Abril, sempre se afirmou como Partido da classe operária pelo seu programa, pelos seus objectivos, pela sua ideologia, pelas suas formas de organização e de luta. E afirma-se também como Partido da classe operária ao defender os interesses de todos os trabalhadores, do campesinato, dos intelectuais e quadros técnicos, da pequena burguesia rural e urbana.

Não acompanhamos certos teorizadores que, para contestarem o papel de vanguarda da classe operária, consideram que intelectuais e estudantes pertencem à classe operária e, constituindo (segundo eles) o sector mais consciente da classe operária, seriam por isso mesmo a vanguarda da revolução. A vanguarda da revolução é a classe operária e isso é tão verdadeiro nos países capitalistas como nos países socialistas.

Os intelectuais vêm ao Partido por abnegação à causa libertadora da classe operária. Os intelectuais comunistas que se distinguem tanto pelo seu valor como intelectuais como pelo seu valor como militantes não se sentem discriminados por terem uma direcção do Partido composta maioritariamente por operários, porque não foi a um partido

social-democrata que aderiram, mas à vanguarda revolucionária dos trabalhadores.

A natureza operária e a política e as posições de classe do nosso Partido não agradam às forças reaccionárias e aos oportunistas de todos os matizes. Por isso estão sempre a sonhar com crises e tendências que levem à substituição da sólida direcção de classe por uma direcção que, mais permeável às influências ideológicas da burguesia, afaste o Partido da sua política revolucionária.

Agora inventam «uma crise interna», «graves tensões» e tendências no nosso Partido em que haveria por um lado os «velhos operários» «ortodoxos», por outro «jovens turcos» e ainda outros de origem intelectual mais ou menos «pragmáticos».

Que não se iludam esses senhores com as anedotas que inventam. O PCP continuará a ser o Partido da classe operária e de todos os trabalhadores e continuará considerando como «regra de ouro» a «maioria operária» nos seus organismos de direcção, — correspondente aliás à forte maioria operária existente nas fileiras do Partido.

Há magníficos camaradas e muitos deles na direcção do Partido das mais diversas origens sociais. Não se fazem discriminações a seu respeito. Mas a experiência histórica mostra que a maioria operária na direcção é uma sólida garantia de uma correcta linha política, de uma actuação justa, de firmeza ideológica.

Que não se iluda a reacção pelo facto de que muitos dos nossos prestigiados «velhos operários» vão caminhando na idade.

Por um lado têm ainda muito que dar ao Partido. Por outro lado tomamos e tomaremos medidas para que aos «velhos operários» sucedam «novos operários» que se formam e promovem dia-a-dia na aguda luta de classes que travamos.



A própria vida confirma a nossa afirmação de que o PCP é, não só um partido necessário, mas um partido indispensável e insubstituível na democracia portuguesa. A própria vida confirma que os problemas nacionais se resolvem com os trabalhadores e com os comunistas e jamais contra os trabalhadores e contra os comunistas. Pensando num futuro mais largo, só o PCP está em condições de ser a força política determinante da evolução progressista da sociedade portuguesa, da continuação da democracia rumo ao socialismo.



## 4

## A dedicação ilimitada dos comunistas

É a grandeza do ideal de liberdade, de justiça social, de progresso, de bem-estar do povo trabalhador e da independência da pátria, que dá aos comunistas a força para lutarem em quaisquer circunstâncias e para defrontarem corajosamente de cabeça erguida as mais duras provas.

A história do nosso Partido é uma história de dedicação de gerações e gerações de militantes — homens, mulheres, jovens, — que consagraram o melhor das suas energias e capacidades à luta para pôr fim às desigualdades e injustiças sociais, à exploração do homem pelo homem, a todas as formas de opressão social, colonial e nacional, ao aviltamento da personalidade humana, e que se mantiveram sempre fiéis à solidariedade dos trabalhadores de todos os países e à amizade dos povos.

Ao longo dos 60 anos da história do Partido, milhares e milhares de comunistas mostraram com o seu exemplo, a força moral que dá ao ser humano o nosso ideal de libertação da Humanidade.

Milhares e milhares de comunistas — operários, empregados, professores, mulheres e jovens de todas as profissões — foram discriminados e perseguidos, perderam o ganha-pão, viram cortadas as suas carreiras profissionais, foram expulsos dos cargos que ocupavam apenas por motivo das suas ideias políticas, apenas por desejarem a felicidade do ser humano.

Milhares de comunistas foram obrigados a afastar-se dos seus entes queridos, a passar longos anos sem ser companheiras, companheiros, filhos, amigos, a viver longos anos (em alguns casos 20 e 30 anos seguidos) nas duras condições de clandestinidade, passando indescritíveis privações.

Milhares de comunistas sofreram cruéis torturas na PIDE. Espancamentos brutais, durante horas e horas, a cavalo-marinho e com grossas tábuas. Pancadas nas plantas dos pés descalços. Flagelações a chicote. Apertos dos testículos. Queimaduras com pontas de cigarros. Choques eléctricos. Tortura da «Estátua» em que o preso era obrigado a estar de pé de encontro a uma parede dias e noites. A «tortura do sono» em que o preso era impedido de dormir noites a fio, por vezes semanas inteiras, até à alucinação e à beira da loucura. E a juntar às torturas físicas, a incomunicabilidade que chegou a atingir um ano e mais, as torturas morais, os insultos, os vexames de toda a espécie a tentar destruir a personalidade do preso político.

Milhares de comunistas foram submetidos a julgamento nos tribunais fascistas, foram condenados a pesadas penas, ou mesmo sem qualquer condenação permaneceram grande parte da sua vida (que em alguns casos ultrapassou 20 anos) nas masmorras fascistas, no campo de concentração do Tarrafal, no Forte de Peniche, no Forte de Angra, no Forte de Caxias, no Aljube — jamais se vergando ante o inimigo, dando a sua liberdade para que o nosso povo acabasse por conquistar a sua, mantendo sempre a firmeza e a confiança revolucionária que os levou em muitos casos a realizar fugas das prisões para retomarem o seu lugar de combate nas fileiras do Partido.

Numerosos comunistas deram as suas vidas para que o nosso povo alcançasse a liberdade, — Bento Gonçalves, Alfredo Dinis, Militão Ribeiro, Alfredo Caldeira, José Moreira, José Dias Coelho, António Guerra, Ferreira Soares, Augusto Martins, Ferreira Marquez, Germano Vidigal, Alfredo Lima, Catarina Eufémia, Estevão Giro, Ferreira de Abreu, Nascimento Esteves, Manuel Vieira Tomé, Fineza, Ruas, António de Almeida, António Fernandes, Armando Ramos, Augusto Costa, Aurélio Dias, Ernesto Ribeiro, Francisco José Esteves, Fernando

Alcobia, Francisco da Cruz, Gervásio Costa, João Dinis, Joaquim Correia, Joaquim Oliveira, Joaquim Matias, Joaquim Marreiros, José Adelino dos Santos, José Patuleia, José Pereira, Manuel Carvalho, Manuel da Silva Júnior, Manuel Simões, Raul Alves, Rui R. da Silva, Cândido Alves Barja, Venceslau Ferreira, Soeiro Pereira Gomes, Hermenegildo Correia, Maria Helena Magro, Rosa Teixeira, Maria Albertina, Joaquina Alves, Manuel dos Santos e tantos e tantos outros que se torna impossível aqui individualizar, outros falecidos, como Alberto Araújo, Guilherme C. Carvalho, José Magro, Pedro Soares, Maria Luísa Costa Dias, Agostinho Saboga, Luísa Paula, Maria Machado, Albina Fernandes, António Tavares, Gomes Pereira, Joaquim Rafael, Manuel Rodrigues, cuja saíde foi fortemente abalada pelas torturas e pela dureza da vida clandestina.

Depois do 25 de Abril os comunistas continuaram a dar exemplos de dedicação, firmeza e espírito de sacrifício.

Nas grandes batalhas da Revolução portuguesa, nas fábricas, nas empresas, nos campos, nas escolas, milhares de comunistas deram extraordinárias provas de coragem e abnegação.

Milhares de comunistas, homens, mulheres e jovens fizeram frente à ofensiva ilegal e criminosa contra a Reforma Agrária, foram brutalmente espancados pela GNR e mordidos pelos seus cães ferozes.

Milhares de comunistas ofereceram a barreira da sua resistência às tentativas sucessivas de golpes reaccionários.

Milhares de comunistas foram expulsos de lugares do Estado e dos seus empregos por se oporem à contra-revolução e defenderem as conquistas de Abril.

Numerosos comunistas foram vítimas das violências fascistas no verão de 1975 (José Lima varado a tiro) quando os grupos terroristas organizados, influenciados ou protegidos pelos partidos que hoje estão no Governo, levaram a cabo o cerco, a pilhagem, a destruição, o incêndio de 55 centros de trabalho do nosso Partido.

Depois do 25 de Abril, como antes do 25 de Abril, os comunistas foram alvo da violência fascista reaccionária, porque estiveram sempre e incondicionalmente com o povo trabalhador, com a liberdade, com a revolução.

Se foram comunistas os que tomaram às balas assassinas das forças repressivas é porque os comunistas estão à frente das massas, conduzindo a sua luta, dando o exemplo no combate, arriscando a sua vida.

Assim foi antes do 25 de Abril, com Catarina Eufémia, Alfredo Lima, Capilé, Adângio, Fineza, Adelino dos Santos assassinados a tiro tal como Alfredo Dinis e José Dias Coelho.

Assim foi depois do 25 de Abril com José Caravela e António Casquinha assassinados a tiro na defesa da Reforma Agrária.

Hoje, data do 60.º aniversário do nosso Partido, lembrando a sua história gloriosa, nós aqui prestamos homenagem a todos aqueles que pela sua luta abnegada foram vítimas de perseguições, defrontaram a dureza da vida clandestina, sofreram prisões, condenações, foram sujeitos a brutais torturas e em particular aqueles cujos lábios permaneceram cerrados saindo vencedores dessa batalha política e moral travada nos próprios antros da PIDE.

Prestamos homenagem a todos aqueles que antes e depois do 25 de Abril deram o melhor de si próprios na defesa dos interesses do nosso Povo e do nosso País, na defesa do nosso grande ideal.

Hoje, data do 60.º aniversário do nosso Partido,

prestamos homenagem aos que tombaram na luta, assassinados a tiro ou com torturas ou maus tratos. Os seus exemplos e os seus nomes jamais serão esquecidos, viverão sempre na memória do nosso Partido e do nosso Povo, e tal como se diz na canção revolucionária, ainda que mortos, «caminharão sempre a nossa lado».

Honra aos combatentes comunistas que em 60 anos de luta ergueram bem alto a bandeira do Partido.

Honra eterna aos heróis e mártires da revolução.

Glória ao Partido que concebeu tão altos valores humanos.

Lutamos e lutaremos e daremos a vida se necessário para que não voltem a Portugal a tirania e o terror fascistas.

Lutamos e lutaremos para defender e consolidar as conquistas da revolução e o regime democrático consagrado na Constituição da República, para que o nosso Povo não perca mais esse bem precioso que é a liberdade.



## 5

## Unidade, democracia, estilo de trabalho

Os elevados ideais, a luta abnegada, as dificuldades, os perigos, as duras provas dadas em comum, os sacrifícios, criaram entre os militantes, tanto no tempo do fascismo como no Portugal de Abril, laços profundos de solidariedade e fraternidade.

Trata-se de factores importantes para a unidade existente no nosso Partido. Unidade do Partido, particularmente no complexo processo após o 25 de Abril, constitui um extraordinário êxito e um motivo de orgulho de todo o nosso grande colectivo partidário.

A unidade do nosso partido tem raízes profundas. A natureza e a educação de classe do Partido. Os princípios ideológicos. A justeza da linha política que os acontecimentos comprovam. A ligação do Comité Central com todo o Partido e das várias organizações com as bases respectivas. A autoridade ganha e reconhecida pelo trabalho e não tanto pelo cargo que se ocupa. O hábito de respeitar, mas jamais incensar os dirigentes. A democracia interna como forma natural de viver e de actuar. O trabalho colectivo em que se insere a responsabilidade individual. O respeito pela opinião dos militantes e a participação de todos na elaboração das decisões. A crítica fraternal e o respeito mútuo. A dignificação das tarefas mais modestas. A disciplina como prática voluntária e hábito de actuar e de viver. A igualdade de direitos e deveres entre todos aqueles que constituem a realidade política exaltante que é o nosso grande e glorioso Partido.

Esta maneira de ser e este estilo de trabalho do Partido Comunista Português foi criada, forjada, corrigida, desenvolvida, aperfeiçoada antes e depois do 25 de Abril, ao longo dos 60 anos da sua existência, na aprendizagem dos êxitos e dos insucessos, no aferir das experiências positivas e negativas, na formulação de conceitos

correspondentes a uma prática cada vez mais rica de democracia interna e na força cada vez mais eficaz e exaltante da nossa unidade.

Atravessámos períodos de limitações da democracia interna nem sempre justificadas pelas condições da severa cianidesunidade.

Atravessámos períodos de excessivo centralismo, de intolerância para com opiniões discordantes, de utilização de medidas administrativas para resolver problemas de quadros que poderiam ter sido resolvidos por processos políticos.

O Partido soube tirar as lições.

Lutamos e lutaremos contra quaisquer tendências que se manifestem para o autoritarismo, para a intolerância, para o burocratismo, para dar por sistema razão às organizações e camaradas responsáveis contra aqueles que de escalões inferiores os criticarem.

No nosso Partido exige-se que os militantes cumpram os seus deveres. Mas a todos e a cada um dos seus militantes se reconhecem os seus direitos.

Nós assistimos, ao longo dos longos anos de luta contra o fascismo e nos sete anos de revolução e ofensiva reaccionária após o 25 de Abril, ao aparecimento e desaparecimento de partidos e grupos, aos processos de autoritarismo, chicana e golpismo noutros partidos, a cisões, divisões e conflitos internos, a tais divergências e ódios entre dirigentes que por vezes mais parecem inimigos que companheiros numa mesma formação política.

Contrastando com tais situações, o PCP dá um exemplo único de unidade política, executiva e humana.

Creio, camaradas, que todos estamos firmemente determinados a prosseguir este caminho, que faz do nosso grande colectivo partidário uma força invencível.

## 6

## Marxismo-leninismo firmeza de princípios, espírito criativo

Desde a sua fundação, ao longo dos 60 anos de actividade, o nosso partido sempre afirmou ter como ideologia o marxismo-leninismo.

Dizem alguns críticos e detractores do nosso Partido que esta natureza ideológica significa imobilismo, dogmatismo, afastamento das realidades.

A verdade é que o marxismo-leninismo é precisamente o inverso do dogmatismo e do imobilismo. Não é um corpo petrificado de conceitos, mas uma teoria viva que se enriquece constantemente pelas novas realidades e experiências. Não cristaliza as opiniões e as ideias antes constitui um sólido instrumento para que um partido apreenda, examine e interprete as novas situações e os novos fenómenos e possa definir uma orientação justa correspondente.

Enquanto que reformistas de toda a espécie, querendo afirmar-se inovadores, repetem velhos chavões, velhas fórmulas e velhas receitas, o nosso Partido, tendo no seu arsenal o marxismo-leninismo, examina as realidades, observa os novos fenómenos, encontra novas soluções, traça novos caminhos.

Foi na base do marxismo-leninismo que o nosso Partido fez uma análise científica da situação portuguesa, do desenvolvimento do capitalismo, das características específicas das estruturas económicas e das estruturas de classe da sociedade.

Foi o nosso Partido e nenhum outro que caracterizou, como resultado da acção coerciva do Estado fascista no processo de centralização e acumulação, os traços específicos da formação do capitalismo monopolista de Estado em Portugal, identificando de tal forma governo e Estado fascistas e grupos monopolistas que o derrubamento e a liquidação definitiva do fascismo tornavam indispensável a liquidação do poder dos monopólios.

Foi o nosso Partido que apontou a contradição entre o atraso do desenvolvimento das forças produtivas e o rápido desenvolvimento das relações de produção capitalista.

Foi o nosso partido que apontou como característica da questão da independência nacional a contradição que

existia entre Portugal país colonizador em África e Portugal país colonizado na Europa.

Foi o nosso Partido que caracterizou a etapa actual da Revolução como uma revolução democrática e nacional e definiu os seus objectivos.

O programa do PCP aprovado no VI Congresso em 1965 (último congresso realizado na clandestinidade) é uma afirmação de como o marxismo-leninismo dá a um partido os instrumentos necessários para uma análise da realidade e a definição criativa das tarefas e das perspectivas.

A Revolução portuguesa na sua dinâmica, na sua evolução, nas suas realizações, na ligação indissolúvel entre a conquista da democracia política e a liquidação do poder político e económico dos monopólios (associados ao imperialismo) e dos latifundiários confirmou inteiramente o programa do nosso Partido.

O marxismo-leninismo deu ao nosso Partido a arte política que lhe permitiu no tempo da ditadura ser o único grande partido a encontrar respostas políticas, orgânicas e tácticas correspondentes às situações concretas, de tal forma que o PCP foi realmente o único grande Partido da resistência antifascista; e lhe permitiu na Revolução portuguesa descobrir aspectos específicos e soluções específicas em situações diversas, e ser o único grande Partido com um papel real nas transformações históricas das estruturas socioeconómicas, nos passos dados no sentido de uma democracia económica e social a par dos passos dados na instauração duma democracia política.

O marxismo-leninismo não limita, nem abafa, nem destrói, antes estimula, informa e capacita a imaginação teórica e a capacidade política criativa.

Por isso, enquanto a política de outros partidos se traduz em frases feitas, em velhas receitas do capitalismo, em floreios de linguagem a esconder velhos conceitos, a política do PCP é uma política viva, aberta, voltada para a transformação progressista da sociedade.

Enquanto outros partidos dão a imagem da

deterioração e desagregação interna, o PCP, unido no pensamento político e na acção, volta-se audacioso para o futuro.

Hoje, como já há meio século, os ideólogos da reacção e do reformismo procuram separar Marx e Lénine.

Todos nos lembramos por exemplo, de que o secretário-geral do PS afirmava que o que o separava dos comunistas não era Marx, mas Lénine.

O certo é que o PS, se nada aprendeu com Lénine, tão pouco aprendeu com Marx. No seu programa de 1974 ainda o PS se afirmava «de inspiração marxista». Mas todos estaremos de acordo em reconhecer que agora de «marxismo» nem sequer tem já o cheiro.

O certo é, que recusando Lénine, abandona-se Marx, porque, na época do imperialismo (que não existia ainda no tempo de Marx), na época da passagem do capitalismo ao socialismo iniciada pela Revolução de Outubro de 1917, não se pode ser leninista sem ser marxista nem marxista sem ser leninista.

As forças reaccionárias e aos reformistas não agrada que o PCP seja o Partido que realmente é.

Atacam o nosso Partido pelo facto de não se converter àquilo que intitulam as «novas correntes do movimento comunista», concretamente ao chamado «eurocomunismo».

Creio que estaremos todos de acordo, camaradas, se dissermos que, se o grande capital e a reacção têm tanto interesse em que o PCP se converta ao «eurocomunismo», é porque não lhes agrada o PCP tal como é e porque essa conversão serviria certamente os interesses do grande capital e da reacção e não os interesses dos trabalhadores.

Perca daí a ideia a reacção. O PCP continuará a ser o partido da classe operária, partido marxista-leninista, partido que, ao lutar pela democracia, nunca perde de vista o objectivo do socialismo e do comunismo.

O PCP não será o que a reacção e o oportunismo desejariam que fosse, mas aquilo que os comunistas portugueses querem que seja.



## 7

## Partido patriótico e internacionalista

Ao longo de 60 anos da sua existência, o PCP foi sempre um partido eminentemente patriótico e consequentemente internacionalista.

Os exploradores e opressores do nosso Povo, os fascistas e reaccionários, não nos perdoam nem uma coisa nem outra.

Não perdoam sermos um partido patriótico, porque a defesa da independência nacional e dos interesses nacionais contrariam os interesses e planos do grande capital intimamente associados aos grandes monopólios internacionais e dispostos a ceder-lhes riquezas nacionais e a exploração e o comando de sectores básicos da economia nacional.

Não perdoam sermos internacionalistas, porque o internacionalismo significa solidariedade recíproca entre os trabalhadores e as forças revolucionárias de todo o mundo e reforça a luta dos trabalhadores e dos povos de cada país.

**Somos e continuaremos a ser um partido patriótico**, porque os interesses dos trabalhadores se identificam inteiramente com os interesses nacionais enquanto que os interesses egoístas da grande burguesia entram em choque frontal com os interesses de Portugal como nação independente.

A mais violenta repressão no tempo da ditadura nunca conseguiu afastar o nosso Partido do caminho da defesa constante dos interesses nacionais e da acusação ao governo fascista de trair a Pátria portuguesa.

No tempo do fascismo, lutámos contra a submissão ao imperialismo, contra a entrega de grande parte das riquezas nacionais a companhias estrangeiras, contra a cedência do território nacional para a instalação de bases militares estrangeiras, contra a entrada na NATO, contra a submissão da política nacional, seja durante muito tempo ao Eixo fascista Hitler-Mussolini, seja, quando se evidenciava a inevitabilidade da derrota nazi na 2.ª Guerra Mundial, ao imperialismo britânico e norte-americano.

Depois do 25 de Abril, lutámos para libertar Portugal do domínio imperialista, contra as ingerências e pressões externas, por uma política que garanta o desenvolvimento da economia portuguesa para bem-estar do nosso Povo e para o progresso nacional, por uma política externa de paz e amizade com todos os povos.

No momento presente, lutamos contra o enfeudamento do Governo AD aos círculos mais belicistas dos Estados Unidos, contra maiores compromissos de Portugal com a NATO, por uma diversificação das relações externas de forma a garantir a nossa independência nacional.

Não, não nos curvamos ao imperialismo. Não aceitamos o seu domínio económico e muito menos o seu domínio político sobre Portugal.

Não aceitamos, por exemplo, a afirmação das forças reaccionárias e de certos reformistas de que em Portugal os comunistas não podem pertencer ao governo porque os países imperialistas, designadamente os Estados Unidos e os países da NATO, o não consentiriam.

Nós não aceitamos tal atitude de capitulação. A independência nacional afirma-se antes de tudo no facto de que um país decide por si próprio do seu regime e do seu governo. Nós defendemos firmemente que em Portugal quem deve decidir são os portugueses. E por isso confiamos em que os comunistas farão parte do governo português quando o Povo português assim o decidir.

**Partido patriótico que somos, somos e continuaremos a ser simultaneamente um partido internacionalista.**

Nunca cedemos às perseguições e à repressão mais feroz e às pressões mais diversas. Mantivemos sempre firmemente, nos tempos mais duros do fascismo, a nossa posição internacionalista.

Quem se não lembra dos anos da criminosa guerra colonial, em que Portugal se teria afundado se o 25 de Abril não viesse abrir o caminho da paz? Quem se não lembra das acusações que os fascistas faziam ao nosso Partido e da repressão que desencadeavam contra ele pela sua posição solidária para com a luta libertadora dos povos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau por sua vez solidária com a luta do nosso Povo contra a tirania fascista?

E entretanto com a derrocada do colonialismo e com a libertação desses povos a História deu plena e definitiva razão ao nosso Partido.

A reacção mostra-se irritada e nervosa com as magníficas relações existentes entre o PCP e os partidos revolucionários das antigas colónias portuguesas.

De facto, em contraste com as limitadas e incertas relações entre o Governo AD e esses países, existem relações de amizade fraternal e de cooperação entre o PCP e o MPLA, a FRELIMO, o PAIGC, o MLSTP. Mas essas relações constituem uma preciosa contribuição para o melhoramento e desenvolvimento das relações entre Portugal e os novos Estados africanos.

Prova-se a justeza da nossa política e as consequências nefastas para o País da política dos partidos reaccionários.

Parece que a reacção ficou também irritada e nervosa porque o nosso Partido se fez representar no 26.º Congresso do PCUS e aí afirmou a sua amizade fraternal com o PCUS assim como com as outras forças revolucionárias do mundo.

A essa nossa posição, chamam os reaccionários e oportunistas de todos os matizes «fidelidade a Moscovo», «apoio incondicional à União Soviética». E afirmam em coro que um partido comunista só prova ser «independente» se numa forma ou doutra participa na campanha anti-soviética.

Mas a verdade é que um partido que cede a essas pressões ideológicas, aliena, com esse mesmo facto, a sua independência.

O nosso partido toma posições internacionalistas por sua própria decisão, sem quaisquer ingerências ou pressões externas. Por nossa decisão soberana continuamos a ser um partido internacionalista, solidário e amigo de todas as forças do progresso humano: a URSS e outros países socialistas, o movimento operário dos países capitalistas, o movimento de libertação nacional, os novos países independentes e progressistas.

A nossa independência de classe, a nossa independência ideológica, a nossa independência de decisão, afirma-se precisamente em não cedermos às pressões de inimigos e aliados e mantermos firmemente posições de princípio.

A luta patriótica e as posições internacionalistas não se contrariam, antes são complementares.

Ao longo dos 60 anos da existência do nosso Partido exigiram (como continuam a exigir) firmeza, coragem moral e coragem física.

Caldeado em 60 anos de combate o PCP não é partido que se deixe intimidar, ou pressionar ou influenciar por campanhas de diversão ideológica.

O PCP é e continuará a ser um Partido independente e soberano.

## 8

## O passado glorioso no presente e no futuro

É hoje um dia de festa para o nosso Partido. Lembramos o passado glorioso e único na vida política portuguesa. Mas, lembrando a história do Partido, não estamos apenas pensando no passado. Estamos a retirar lições, experiências e forças pensando no presente e pensando no futuro.

No presente só o nosso Partido está em condições de encabeçar a luta em defesa do regime democrático e da Constituição.

A reacção sofreu estrondosa derrota nas eleições presidenciais de 7 de Dezembro. O seu plano subversivo que deveria culminar com a eleição de Soares Carneiro caiu por terra. A ameaça iminente que pesava sobre a democracia foi afastada. Tendo em toda a sua campanha eleitoral identificado a eventual eleição de Ramalho Eanes como uma derrota da AD e do seu Governo, a própria AD transformou a derrota do seu candidato à Presidência numa derrota do Governo AD e da maioria AD na Assembleia da República. Os resultados de 7 de Dezembro mostraram que a AD perdeu o apoio social, político e eleitoral que (com métodos antidemocráticos) conseguiu em 5 de Outubro. As eleições presidenciais de certa forma rectificaram o resultado das legislativas.

Mas os perigos para a democracia persistem. O Governo Balsemão é a continuação (nas novas condições da derrota da AD) do governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral. Já recomeçou a ofensiva ilegal e criminosa contra a Reforma Agrária. Já se desenvolve de novo a ofensiva contra as nacionalizações. Já se apressa o ritmo da recuperação capitalista, latifundista e imperialista. Já se anunciam novas medidas de agravamento das condições de vida dos trabalhadores e de todas as classes e camadas mais desfavorecidas. Já se desenvolvem novas manobras desestabilizadoras. Já se precisam novos esquemas de revisão inconstitucional da Constituição. Já se acentua de novo a política externa de guerra fria, de hostilidade para com os países socialistas, de submissão ao imperialismo, de transformação de Portugal numa base de armas atómicas, sujeitando-se em caso de guerra a uma completa destruição, com o aniquilamento físico do Povo português.

É do interesse vital do nosso povo e do nosso País pôr termo a esta política, e para isso, é do interesse vital do nosso povo e do nosso País que o governo Pinto Balsemão vá para a rua o mais depressa possível e que, em sua substituição, seja formado um governo democrático.

O PCP é o único partido em condições de promover a unidade dos trabalhadores e dos democratas e de encabeçar a luta para atingir estes objectivos.

O PCP tem uma política consequente para a saída da crise económica na base das transformações democráticas da Revolução de Abril (nacionalizações, Reforma Agrária, controlo de gestão pelos trabalhadores).

O PCP tem uma política consequente para o melhoramento da situação económica e social dos trabalhadores e das classes médias (salários, custo de vida, desemprego, habitação, saúde, ensino) assim como de sectores mais desfavorecidos como os reformados e os deficientes.

O PCP luta consequentemente em defesa da Reforma Agrária absolutamente certo de que a liquidação dos latifúndios é uma exigência económica e social, objectiva

e absolutamente certo também de que, quaisquer que sejam as irregularidades do processo, a Reforma Agrária acabará por ser totalmente realizada, com a liquidação de todos os latifúndios e a entrega da terra a quem a trabalha.

O PCP defende consequentemente os interesses dos pequenos e médios agricultores e rendeiros assim como dos pequenos e médios comerciantes e industriais.

O PCP luta consequentemente para que a democracia seja respeitada na Comunicação Social porque é tempo de pôr fim ao monopólio AD e à calúnia e mentira arvoradas em armas de propaganda.

O PCP luta consequentemente para que as medidas inconstitucionais e ilegais dos últimos governos sejam anuladas e terras e bens roubados sejam restituídos, os danos reparados.

O PCP tem uma política consequentemente oposta à governamentalização e partidarização das Forças Armadas com a submissão das Forças Armadas a «um só patrão» (o Governo AD) como exige Freitas do Amaral, e defensora do cumprimento pelas Forças Armadas do dever constitucional de defesa da democracia e da independência nacional.

O PCP defende consequentemente uma política externa de paz, amizade e cooperação com todos os povos do mundo, que corresponde inteiramente aos interesses da independência nacional, da integridade territorial e da segurança dos portugueses.

O PCP defende consequentemente as instituições, o funcionamento democrático dos órgãos de soberania e a autonomia do poder local.

O PCP defende consequentemente a Constituição.

O PCP é um Partido que não exige apenas que os outros resolvam os problemas nacionais, mas que ele próprio directamente os procura resolver e ele próprio propõe medidas eficazes para resolvê-los.

A própria vida confirma a nossa afirmação de que o PCP é, não só um partido necessário, mas um partido indispensável e insubstituível na democracia portuguesa.

A própria vida confirma que os problemas nacionais se resolvem com os trabalhadores e com os comunistas e jamais contra os trabalhadores e contra os comunistas.

Pensando num futuro mais largo, só o PCP está em condições de ser a força política determinante da evolução progressista da sociedade portuguesa, da continuação da democracia rumo ao socialismo.

No quadro das forças políticas portuguesas, o nosso Partido é o mais velho pela sua longa luta de 60 anos. Mas como já hoje aqui foi dito repetidas vezes é também o mais jovem porque nenhum outro partido tem mais energia para arrostar com as dificuldades do presente, porque nenhum outro partido apresenta para os problemas nacionais soluções mais vigorosas, criativas e eficientes, porque nenhum outro partido é mais confiante e optimista, porque (podemos estar certos) é ao nosso Partido e à classe operária, de que é vanguarda, que o futuro pertence.

Viva o 60.º aniversário do PCP!

Viva a unidade dos trabalhadores e dos democratas!

Viva Portugal de Abril!

Viva a democracia a caminho do socialismo!

Viva o Partido Comunista Português!

